

# IX

**LIVRO DOS MILAGRES**  
**ou**  
**FLORINHAS DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA**

Introdução e Tradução: *Frei Fernando Félix Lopes*, OFM

Título original:

LIBER MIRACULORUM SANCTI ANTONII

in «Chronica XXIV Generalium Ordinis Fratrum Minorum»

## INTRODUÇÃO

*“Publicaram os Bolandistas uma antiquíssima colecção de milagres de Santo António, à qual chamaram simplesmente Liber Miraculorum ou Livro dos Milagres<sup>1</sup>.*

*Tal colecção anda inserta na Chronica XXIV Generalium Ordinis Fratrum Minorum, e por isso foi novamente publicada, mas sem título especial, na edição dessa obra, feita pelos Franciscanos de Quaracchi em 1897<sup>2</sup>.*

*Dela descobriu Luís Guidaldi uma tradução italiana quatrocentista, e quando em 1935 a trouxe a lume, deu-lhe o nome de Florinhas de Santo António<sup>3</sup>.*

*É que, dizia ele, andava sem título a versão italiana que teve a sorte de encontrar nos velhos pergaminhos, e por isso sentia-se com direito de lhe escolher o nome. E porque era muita a sua semelhança com as tão conhecidas Florinhas de São Francisco, nenhum lhe pareceu mais a propósito do que este de Florinhas de Santo António.*

*Abre, de facto, com dois episódios que já nas ditas Florinhas andavam publicados com poucas variantes; e, no mais, também não faltavam pareenças. Assim como na fragrância das Florinhas de São Francisco se sente ou cheira a recente virtude cristã do poético Poverello de Assis, assim também no entrecho da colecção de episódios antonianos cresce e se agiganta, a irradiar luz de prodígios e milagres, a vigorosa figura do Taumaturgo de Pádua.*

---

<sup>1</sup> *Acta Sanctorum*, Junii, die 13, Com. II Junii. Veneza, 1742, pp. 724-741

<sup>2</sup> *Chronica XXIV Generalium Ordinis Fratrum Minorum*, in “*Analecta Franciscana*”, III, Quaracchi, 1897

<sup>3</sup> Guidaldi, Luís - *I Fioretti di S. Antonio di Padova. Volgarizzamento del “Liber Miraculorum” da un testo quattrocentesco*, Pádua, 1935.

*Continue, pois, com o título que lhe deu Guidaldi, a tradução portuguesa do Liber Miraculorum dos velhos Bolandistas.*

*Tem-se esforçado a crítica por descobrir o autor das Florinhas de Santo António e a data da sua composição. Mas até ao presente, ao que parece, muito pouco se tem apurado.*

*De certeza sabe-se apenas que já estava redigido o texto latino um pouco antes de 1380. Segundo a opinião autorizada dos editores da Quaracchi, por esses anos de à volta foi composta a Chronica XXIV Generalium de que as Florinhas são parte.*

*Teria o compilador da Chronica frei Arnaldo de Sarrano (ou lá quem foi), no que respeita às Florinhas, copiado simplesmente texto mais antigo, ou seria ele quem as ordenou e redigiu?*

*O facto de aparecer em volume autónomo a versão quatrocentista italiana e também, ao que parece, o texto que serviu aos Bolandistas, poderia insinuar que seria obra independente que para a sua Chronica o compilador aproveitou, copiando-a.*

*Todavia, também se pode crer que, para propagar ou afervorar o culto do Taumaturgo, alguém se foi à Chronica e dela extractou o pedaço em questão e o pôs a correr mundo em tomo separado.*

*À procura de luz que alumie nestas incertezas, tem-se sondado a documentação histórica antiga e o mesmo texto das Florinhas; mas os resultados não têm sido animadores, e os críticos chegam a conclusões muito diferentes umas das outras.*

*O P. Domenico Maria Sparaccio julgou poder identificar as Florinhas com a legenda antoniana de autor anónimo, aprovada em 1316 por Frei Jacobo Sauro e todo o Capítulo reunido em Verona, e da qual fala Rodolfo Tossiniano nos seus Historiarum Seraphicae Religionis libri tres (Veneza, 1583, pp. 83)<sup>4</sup>.*

*As razões que aduz não parecem concludentes; e, a sê-lo, ter-se-ia de dizer que mais tarde foi o texto interpolado pelo menos com o capítulo LIX, onde se conta facto sucedido em 1367.*

*Pretendem outros sejam as Florinhas produto literário que teria começado por um núcleo reduzido de episódios miraculosos,*

---

<sup>4</sup> Vid. Sparaccio, P. Domenico Maria - S. Antonio di Padova Taumaturgo Franciscano . Nella vita - Nel pensiero - Nella gloria, I, Padua, 1923, pg. 125.

*acrescentado depois pelo andar dos tempos até atingir a forma actual um pouco antes de 1380.*

*De facto, há memória de colecções de milagres de Santo António, anteriormente às Florinhas.*

*Morrera o Santo havia poucos meses e logo em Pádua comissários pontifícios redigiram e documentaram alguns casos miraculosos sucedidos depois de sua morte. Mensageiros solenes de Pádua levaram à Corte Pontifícia essa resenha de milagres que foi estudada e depois lida na cerimónia da canonização<sup>5</sup>. Conhecem-se duas recensões dessa resenha: a que forma a segunda parte da Legenda Prima do Santo<sup>6</sup>, e outra que foi copiada de uma perdida Legenda que estava no convento franciscano de Ancona, publicada pelos Bolandistas<sup>7</sup>. Mas tal colecção não pode ter sido o núcleo inicial das Florinhas. De facto, dos milagres nela referidos, as Florinhas apenas relatam dois (os dos cap. XXVI e XLII) e alude-se a um terceiro no capítulo XXXVII<sup>8</sup>.*

*Frei João Rigauld dá notícia de outra colecção de milagres de Santo António: “No ano do Senhor de 1293, Frei Pedro Raymond de Saint Romain, Leitor em Pádua e depois Ministro Provincial na Aquitânia, pela sua muita devoção a Santo António recolheu um certo número deles (seus milagres) e perante o Bispo de Pádua os fez solenemente autenticar por testemunhas idóneas”<sup>9</sup>. Também não pode ser esta colecção o núcleo inicial das Florinhas, pois compunham-nas episódios de à volta de 1293, e os das Florinhas abarcam toda a vida do Santo e os tempos da sua morte. Foi, sim, fonte aproveitada directa ou indirectamente, pois nelas vêm os milagres que Rigauld diz ter aproveitado da colecção de Frei Pedro Raymond (cap. LIV, LVII e XLIX).*

---

<sup>5</sup> Vid. *Vita S. Antonii* (ou *Legenda Prima*) in “Port. Mon. Hist., Scriptorum”, I, pp. 124-125

<sup>6</sup> *Ib.*, pp. 125-130.

<sup>7</sup> *Acta Sanctorum, Junii, die 13, II Junii, Veneza, 1742, pp. 718-725*

<sup>8</sup> Vid. *Vita S. Antonii* (ou *Legenda Prima*), in “Port. Mon. Hist., Scriptorum”, I, pp. 126 col 2<sup>a</sup>, 130 col. 2<sup>a</sup> e 129 col. 1<sup>a</sup>.

<sup>9</sup> D’Araules ou Delorme, Ferdinand-Marie - *La Vie de Saint Antoine de Padoue par Jean Rigauld*, Bordéus, 1899, pg. 130.

*Correu mundo ainda outra resenha de milagres de Santo António. Lembra-a Rigauld que nela colheu a narrativa da pregação aos peixes e da mula que adorou a Eucaristia<sup>10</sup>. Não é possível dizer se está ali o embrião das futuras Florinhas, pois tal colecção desapareceu.*

*E nem sequer referências se conhecem a outras resenhas de milagres de Santo António que pudessem ter sido o núcleo donde brotaram suas Florinhas.*

*E por isso também esta opinião não tem argumentos que recomendem.*

*O mais provável é que as coisas se tenham passado assim: Compilador anónimo (podia ter sido o autor da Chronica XXIV Generalium), depois de 1367 foi-se às Legendas de Santo António que houve à mão (algumas delas perdidas, pois nas Florinhas há episódios que se não encontram nas que actualmente se conhecem) e talvez aos relatos orais, e daí extraiu episódios miraculosos que pôs em ordem como bem lhe pareceu: os da vida do Santo procurou alinhá-los em ordem cronológica; aos outros enfiou-os simplesmente segundo os encontrou nas fontes que ia compulsando. A estrutura das Florinhas, bem analisada, parece dar força a estas conjecturas.*

*A terem-se passado as coisas desta forma, surge um problema de interesse para nós os portugueses.*

*Contam-se, nas Florinhas de Santo António, vários episódios que se relacionam com o nosso Portugal, e seis deles formam um todo à parte com estilo e movimento narrativo característico. São os capítulos XLV a LI. Fica de fora o capítulo XLVII, que não entrou na versão italiana quatrocentista nem no texto dos Bolandistas, e por isso será interpolação tardia.*

*De quatro desses episódios não se conhecem relatos mais antigos (cap. XLV, XLVIII, L e LI). Não apareceu até hoje a fonte escrita donde o compilador os tirasse. Dos outros dois, um (cap. XLIX) vem em Rigauld, que diz tê-lo ouvido a Frei Pedro Raymond; o segundo (cap. XLVI) é simplesmente outra redacção do episódio já contado no capítulo XXXVI.*

---

<sup>10</sup> D<sup>a</sup> Araules (ou Delorme) - *La Vie de Saint Antoine...*, pg. 90.

*Reparando nesta pequena colecção de narrativas entre si mais aparentadas no estilo e movimento, reparando na sintomática repetição do episódio da ressurreição do sobrinho de Santo António, nas palavras de comentário à dedicação do altar-mor da Sé de Lisboa ao mesmo Santo<sup>11</sup>, naqueloutras em que o Autor do trecho diz ter ouvido da boca da mesma mulher de Alvorão o relato do que com ela se passara<sup>12</sup>, reparando em tudo isto julgo não ser temeridade desmedida supor que tais narrativas foram arrancadas a colecções de milagres de Santo António escritas por um português.*

*E desta sorte pode conjecturar-se que anda perdida obra literária portuguesa (quanto ao autor, não quanto à linguagem em que foi escrita) dos fins do século XIII ou primeira metade do século XIV, e que, pelo menos em parte, pode corresponder à redacção erudita dos episódios antonianos doirados de poesia imensa nos cantares do nosso povo.*

.....

*Medir o valor histórico das Florinhas de Santo António seria trabalho para muitos. Só a análise e estudo minucioso de cada um dos seus capítulos poderia garantir uma conclusão. E se para uns há elementos de estudo que permitem apreciá-los, para outros faltam em absoluto.*

*Mas este aspecto das Florinhas é, digamos assim, de somenos importância. Ninguém procura nelas a vera história de Santo António; procura, sim, o que elas deveras querem dar: o halo de luz com que aos nossos olhos cristãos esplende o Santo Taumaturgo, o aroma de virtudes com que vem perfumando as almas desde que pelo mundo andou.*

*O compilador não se entreteve em averiguar se os relatos que lhe vinham à mão eram factos ao natural, ou repuxados a ampliadas proporções pelo entusiasmo da crença, ou ainda coloridos de parábola a vestir doutrinas. Não o preocuparam tais cuidados.*

---

<sup>11</sup> Vid. no texto o final do cap. XXXV.

<sup>12</sup> Vid. também no texto o final do cap. LI.

*Fossem muito embora imaginosos, esses quadros tinham dentro uma verdade, a doutrina cristã da santidade: aquele esforço que se pede ao homem - e Deus nunca falta a ajudá-lo com as suas graças - para realizar em si e à sua volta o Reino de Deus.*

*E era esta a verdade que interessava ao compilador; só nela tinha fixo o pensamento ao enramalhetar os edificantes episódios. Que deles se evolasse aroma abundante de virtude, e isso lhe bastava.*

*E se foi esta a verdade procurada nas Florinhas, não as profanemos nós a rebuscar nelas exactidões no descritivo, certezas cronológicas e outros pontozinhos de história, tão importantes para a nossa curiosidade científica, mas que livros como este nunca pretenderam ensinar.*

*Das Florinhas de Santo António há versão portuguesa em boa linguagem de quatrocentos. Insertas como andavam na Chronica XXIV Generalium, ou Crónicas antigas da Ordem Franciscana, segundo lhes chama Frei Marcos de Lisboa, foram com elas traduzidas no texto que José Joaquim Nunes publicou em 1918 com o título de “Crónica da Ordem dos Frades Menores”<sup>13</sup>. Sobre o valor da versão, não é fácil dizer mais e melhor do que José Joaquim Nunes disse na erudita introdução que lhe antepôs”.*

---

<sup>13</sup> Nunes, José Joaquim - *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*. Manuscrito do século XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e índice onomástico, 2 tomos, Coimbra, 1918.

Primeira Parte

**MILAGRES DE SANTO ANTÓNIO,  
DURANTE A SUA VIDA MORTAL**



## CAPÍTULO I

### **Como o glorioso Santo António pregou em Roma diante do Papa**

O mui glorioso Padre Santo António de Lisboa, um dos escolhidos companheiros e discípulos de S. Francisco, ao qual o mesmo Santo pela vida e pela fama das suas pregações chamava o seu bispo, pregou em Roma, por mandado do Papa, aos peregrinos sem conta que haviam acorrido a ganhar indulgências e assistir ao Concílio.

E estavam ali gregos e latinos e franceses e teutões e eslavónios e ingleses e outras gentes de diversas línguas.

E o Espírito Santo pôs virtude e maravilhas no falar de Santo António como outrora fizera com os Apóstolos, em tal maneira que todos, com grande pasmo, entendiam o Santo claramente, pois o ouvia cada um na sua língua em que fora nascido.

E disse Santo António, naquela pregação, coisas tão altas e tão doces, que todo o auditório estava suspenso do seu maravilhoso falar. E até o senhor Papa lhe chamou então a Arca do Testamento.

## CAPÍTULO II

### **Como Santo António pregou certa vez em Rimini e muitos hereges, desprezando-o, não o quiseram ouvir**

Como Santo António pregasse em Rimini onde havia grande multidão de hereges, desejoso como andava de trazê-los à luz da verdade, disputava contra seus erros. Mas eles, os hereges, feitos assim como pedras pela obstinação e endurecimento, não davam crédito às suas palavras e nem sequer acudiam a ouvi-las.

E então Santo António, por inspiração divina, achegou-se à foz do rio onde ele entra no mar, e começou, em maneira de sermão, a chamar os peixes da parte de Deus:

— Ó peixes, meus irmãos, vinde vós ouvir a palavra do Senhor, já que os infieis menosprezam de ouvi-la!

E logo naquela hora se ajuntaram diante de Santo António tantos peixes, grandes e pequenos, como nunca por ali fora vista tamanha multidão. E todos eles atiravam a cabeça ao cimo da água.

E foi maravilha de espanto, os peixes grandes andarem com os mais pequenos, e os pequenos sem medo nem perigo passarem por sob as barbatanas dos maiores e até debaixo delas se ficarem quedos e seguros.

Peixes de todas as espécies e qualidades corriam dum lado para o outro em cata dos semelhantes para com eles se juntarem. E como aparece admiravelmente aformosentado o campo quando ornado e pintado com variedade de cores e figuras, assim eram as águas, coalhadas de peixes, ali em frente a Santo António.

E era de ver os peixes grandes marcharem em alas, ao modo dos cavaleiros, a tomar seus lugares para assistir à pregação; e os peixes de meio tamanho ocuparem os lugares do centro e como ensinadores de Deus ali se ficarem quietos sem armar barulho; e os pequeninos achegarem-se mais ao Santo como se ele fora o seu protector, numa pressa tão grande que nem peregrinos que vão a ganhar indulgências.

E desta forma se dispôs o auditório para assistir ao inspirado sermão: todos os peixes estavam à vista, frente a Santo António; nas águas baixas os mais pequenos, adiante contra o mar os de mais tamanho, e os grandes ao largo onde a água era já funda.

E, assim todos em ordem, começou o Santo de pregar solemnemente:

“Peixes, meus irmãos, muita obrigação tendes de, à vossa maneira, cantar louvores e render graças a Deus nosso Criador. Deu-vos Ele para morada tão nobre elemento, a água doce ou salgada segundo haveis mister. Outrossim vos preparou abrigo para fugirdes aos riscos das tempestades. E a água que vos deu é clara e límpida, a fim de poderdes ver os caminhos a andar e os manjares que haveis de comer. E é o mesmo Criador quem vos reparte o alimento necessário à vida.

“E, lá na criação do mundo, houvestes de Deus, com a Sua bênção, o mandamento de vos multiplicardes. No dilúvio, quando

fora da arca todos os animais pereceram, vós sem aleijão nem dano fostes guardados como nenhuma outra criatura.

“E Deus dotou-vos de barbatanas e encheu-vos de vigor para vos poderdes mover a uma parte e a outra, segundo vosso aprazimento.

“A vós se vos confiou o profeta Jonas para o guardardes e lançardes em terra, são e salvo, ao fim de três dias. Quis Deus que fôsseis vós quem oferecesse a Nosso Senhor Jesus Cristo o dinheiro do tributo, quando Ele, assim como pobrezinho, não tinha donde pagasse. Antes da Ressurreição e depois, servistes de manjar ao Rei eterno.

“Por todas estas graças muito deveis louvar e bendizer o Senhor, pois d’Ele recebestes benefícios tantos e tão singulares como nenhuma outra criatura os recebeu”.

A estas palavras e semelhantes admoestações alguns dos peixes soltavam vozes, outros abriam a boca, e outros inclinavam a cabeça, louvando ao Senhor da maneira que sabiam.

Ao ver a reverência dos peixes, com muito júbilo espiritual se alegrou Santo António, e esforçando mais a voz, exclamou:

— “Bendito seja Deus para sempre, pois mais honra Lhe dão os peixes da água que não os homens hereges; e melhor ouvem a Sua palavra os animais sem entendimento, que não os infiéis dotados de razão!”

E quanto mais pregava Santo António, mais crescia a multidão dos peixes, e nenhum deles arredava do seu lugar.

À notícia do prodígio ajuntou-se o povo da cidade e mais-los ditos hereges, e foram-se todos aonde estava Santo António. E vendo milagre tão grande e singular, assentaram-se, de coração compungido, aos pés do Santo, e rogaram-lhe que também a eles fizesse sermão. E o Servo de Deus, tomando a palavra, tão maravilhosamente pregou da Fé católica que converteu aos hereges ali presentes, e aos fiéis os confirmou na fé. E depois a todos despediu com grande prazer e bênção.

E os peixes, havida licença de Santo António, gozando-se e alegrando-se, com muitas graças e inclinações se foram nos diversos rumos do mar.

E pregando o Santo na cidade ainda por muitos dias, fez grande fruto convertendo hereges e confirmando-os na santa Fé católica.

### CAPÍTULO III

#### **Como disputou Santo António nas regiões de Toulouse com herege mui pérfido sobre o santo Sacramento do Corpo de Jesus Cristo.**

Nas regiões de Toulouse disputava Santo António com herege mui pérfido sobre o Santo Sacramento do salutar Corpo de Deus. Apesar de vencido, o herege não se convertia à Fé; e depois de muito discutir, propôs:

— Deixemo-nos de palavras e vamos a obras. Se tu fores capaz de mostrar com milagres, na presença de toda a gente, que no Sacramento está deveras o Corpo de Jesus Cristo, eu prometo deixar a heresia e submeter-me à Fé católica.

E Santo António, cheio de confiança, respondeu que assim faria.

— Pois então vou fechar em casa um animal. Atormento-o com a fome durante três dias, e ao fim trago-o perante todos os que quiserem assistir e ponho-lhe de comer. Neste entrementes vens tu com o Sacramento que dizes ser o Corpo de Jesus Cristo. Se o animal assim esfomeado parar de comer e se for numa pressa para o Deus que, segundo afirmas, toda a criatura tem obrigação de adorar, podes ficar certo que imediatamente abraçarei a Fé da Igreja.

O santo varão de Deus logo sem tardança em tudo consentiu. E no dia aprezado ajuntou-se o povo na praça grande, e veio o dito herege na má companhia de outros hereges, e trouxe a mula que tinha atormentado com a fome, e também, para ela, vianda apetitosa de comer. E Santo António celebrou missa em capela que no lugar havia, e ao fim, à vista do povo, trouxe o Santíssimo Corpo de Jesus Cristo. E, mandando a todos que se calassem, disse para a mula:

— “Ó animal, em virtude e em nome do teu Criador que eu, embora indigno, tenho aqui presente em minhas mãos, ordeno e mando que venhas já sem demora até Ele e humildemente lhe pres-

tes reverência, para que desse modo veja a maldade dos hereges que toda a criatura é sujeita ao Criador a quem a dignidade do sacerdote trata cada dia nos altares”.

E entretanto o herege punha de comer à mula esfomeada.

Oh! maravilha de contar! O animal, apesar de tão atormentado pela fome, quando ouviu as palavras de Santo António, logo parou de comer, e abaixou a cabeça, e caíu de joelhos diante do Sacramento.

Pelo que muito se alegraram os fiéis católicos, e merecidamente saíram confundidos os hereges. E aquele dito herege logo ali se fez fiel, conforme havia prometido, e obedeceu aos mandamentos da Igreja.

## CAPÍTULO IV

### **Como em terras de Itália os hereges convidaram Santo António para comer**

Aconteceu uma vez, em terras de Itália, os hereges convidarem a Santo António para comer. E o Santo, a ver se os podia tirar do erro, aceitou o convite, a exemplo de Jesus Cristo que por essa mesma razão comia com publicanos e pecadores.

E porque sempre engendra maldades a consciênea perversa, aqueles hereges a quem Santo António amiúde confundia nas disputas e sermões, à mesa puseram-lhe diante manjar de morte e venenoso. A qual perfídia logo o Espírito Santo revelou a Santo António.

E como ele com piedosas e pacíficas admoestações os repreendesse da maldade que haviam tramado, os hereges, mentindo, a remedar o demónio pai da mentira, responderam que não para outra coisa assim haviam feito senão para provarem com a experiência a verdade do Evangelho que diz: “E se beberem algum veneno de morte, nem por isso haverão dano”. E, pois assim era, comesse ele do manjar que fora servido. Caso não lhe fizesse dano, prometiam converter-se para sempre à Fé do Evangelho. Mas se mostrasse medo de comer do manjar, então mais se firmavam na sua crença de que nas palavras do Evangelho se contém falsidades.

Santo António fez o sinal da Cruz sobre o manjar envenenado, e tomando dele por suas mãos sem nenhum temor, disse:

— “Pois vou comer; não para tentar a Deus, mas para que tenhais Fé no Evangelho”.

E depois que comeu daquele manjar, ficou são e não sentiu em seu corpo algum incómodo. O que, vendo os hereges, se converteram à Fé católica.

## CAPÍTULO V

### **Como Santo António estando a pregar ao povo de Limoges, foi ao coro dos Frades dizer a lição que lhe fora encomendada**

Quando Santo António era Custódio de Limoges, na Semana Santa em noite da Ceia do Senhor saiu a pregar a palavra de Vida eterna na igreja de S. Pedro dos Quatro-Caminhos. E à hora da meia noite, estava ele no sermão, os Frades Menores cantavam no seu convento os salmos do Ofício. E Santo António ficara de ler uma das lições de Matinas.

Ora, prossequindo os frades na salmodia, chegaram à lição que Santo António havia de cantar, e ei-lo que subitamente aparece no meio do coro e começa de entoar solenemente a lição. E todos os frades ali presentes se espantaram e com razão, pois sabiam que naquele momento estava o Santo a pregar na igreja da cidade.

A virtude de Deus fizera com que ele a um tempo pudesse estar com os seus frades no coro a ler a lição e na igreja de S. Pedro a anunciar ao povo as palavras de Vida eterna. E enquanto demorou no coro dos frades, esteve no púlpito, calado, em silêncio, à vista de toda a gente.

Numa Legenda de Santo António se conta haver-lhe acontecido coisa semelhante em Montpellier. E foi desta maneira:

No tempo em que o Santo António ensinava teologia em Montpellier, sucedeu pregar ele certa vez numa festa solene onde se ajuntara a cleresia e muito povo. E mal começara o sermão, quando se acordou haverem-lhe dado no convento ofício que por esquecimento não encomendara a outro.

Era costume entre os frades, nas festas maiores, cantarem dois deles a Aleluia na missa conventual. E daquela feita caía a vez ao Servo de Deus.

Pelo que, muito pesaroso, puxou o capuz para a cabeça e recostou-se no púlpito a modos de quem vai dormir. E àquela mesma hora foi visto a cantar na igreja dos frades por largo espaço de tempo; e entretanto esteve também presente em corpo, no púlpito, à vista da multidão dos ouvintes.

E não há motivos para duvidar, no caso. Pois como o Deus todo poderoso se dignou levar o doutor Santo Ambrósio às exéquias de São Martinho e o bem-aventurado São Francisco ao Capítulo Provincial de Arles quando Santo António ali pregava do título da Cruz, assim quis repetir a maravilha com este seu servo, a mostrar que em méritos era ele igual àqueles Santos.

E cantada que foi a Aleluia no coro dos frades, logo o Santo tornou a si no púlpito e prosseguiu na pregação que interrompera.

## CAPÍTULO VI

### **De um milagre que fez Santo António com um noviço sendo Custódio de Limoges**

No tempo em que Santo António era Custódio de Limoges, certo noviço chamado Pedro andava em grande tentação de abandonar a Ordem. Por divina revelação soube do caso o servo de Deus; e porque tinha solícito cuidado da grei que lhe fora confiada, houve entranhável compaixão daquela ovelhinha errada. E, encendido pelo Espírito do Senhor, abriu a boca do noviço com suas próprias mãos e soprou-lhe dentro a dizer:

— Recebe o Espírito Santo!

E, foi coisa de maravilha! Tão depressa o moço sentiu em si o sopro do servo de Deus, quando caiu em terra como se fora morto. Mas erguendo-o Santo António na presença dos frades que tinham acudido, logo recobrou os sentidos e se pôs a contar que fora arrebatado ao coro dos Anjos e vira os maravilhosos segredos do Céu.

E receando Santo António que à sua pessoa atribuíssem o milagre e não ao poder de Deus, mandou ao noviço nada dissesse de quanto lhe havia sido revelado.

E, desde aquela hora, ao moço o deixou a tentação em que andava. E, segundo ele confessou, enquanto viveu nunca mais sentiu o aguilhão do mal. E, vestido com a virtude do Alto, perseverou em tão santo viver que foi, na Ordem, exemplo para os outros frades.

## CAPÍTULO VII

### **Como Santo António livrou a certo monge vexado por tentação impura**

Por aqueles tempos passou o bem-aventurado Santo António pela abadia de Solesmes, no bispado de Limoges.

Ora, vivia ali certo monge que sofria, há muito, grave tentação do deleite da carne. A vencer o mau impulso, quebrava o corpo com jejuns e vigílias e orações; mas sem resultado algum, porque Deus guardava para Santo António a sua cura e remédio.

Pois, reparando o dito monge na santidade do varão de Deus, foi ter com ele e em confissão lhe descobriu todos os pecados e a molesta tentação, e fielmente e humildemente lhe pediu ajuda e auxílio.

E o varão santo e piedoso tirou o monge à parte, despiu a túnica e deu-lha para que ele a vestisse. E a túnica levava em si tanta limpeza de alma e tanta pureza de coração que se lhe pegara do corpo castíssimo de Santo António, que mal o monge a vestiu logo os irrpulsos da carne amainaram. E desde então, assim muitas vezes ele o confessou, nunca mais os movimentos impuros o acometeram ou apoquentaram.

## CAPÍTULO VIII

### **Do milagre que fez Santo António a uma mulher devota dos frades**

Naquela terra vivia certa dona que, pela muita devoção que tinha aos frades, ela mesma por vezes lhes ia mercar as coisas necessárias. E aconteceu que, por isso, certa ocasião entrou em casa era já noite. E logo o marido, homem ciumento e indevoto, a doestou:

— E só agora vens da casa dos teus amigos?

E ela que respondeu:

— Sim, dos frades venho, aos quais muito estimo por amor de Deus. E por causa deles tardei tanto em vir.

E o marido, aceso em iras, agarrou-a pelos cabelos e tantos safanões deu de uma e outra parte, que lhe arrancou toda a cabeleira.

A dona apanhou os cabelos, e, alumiada pela Fé, colocou-os muito ordenadamente em cima do travesseiro e sobre eles deitou a cabeça. E, quando foi manhã, mandou recado a Santo António a pedir viesse logo a sua casa, pois não se sentia bem.

E o Santo, julgando que talvez a dona se quisesse confessar, veio numa pressa. E, ao chegar, ela que lhe diz:

— Ó frei António, vês quanto sofri por amor dos frades?

E contou-lhe o sucedido. E, cheia de confiança, a rematar acrescentou:

— Mas eu tenho a certeza que, se rogardes por mim a Deus, Ele me restituirá os cabelos como antes eram.

E tornou-lhe Santo António:

— Ó mulher, e foi para isto que me obrigastes a vir cá?

E partindo-se, reuniu os frades e contou o que sucedera àque-la devota, e também o que ela demandara. E ajuntou:

— Oremos, irmãos. Tenho confiança no Senhor, que há-de premiar a sua Fé.

E no ponto em que Santo António se pôs a orar, logo os cabelos se pegaram na cabeça daquela dona e ficaram assim tal qual como de primeiro ela os tivera.

E quando veio o marido, mostrou-lhe a dona o que havia acontecido. E o marido, maravilhando-se e acatando a Deus, depôs toda a suspeita e ciúme, e dali em diante também ele se fez muito devoto e muito amigo dos frades.

## CAPÍTULO IX

### **Como Santo António fundou eremitério para os frades, em Brive no bispado de Limoges, e milagre que ali aconteceu**

Como Santo António viesse a Brive no bispado de Limoges, ali fundou eremitério para os frades. Em gruta apartada fez a sua cela, e na rocha, ao pé, escavou uma fonte para receber as águas que da pedra escorriam. E ali vivia, em grande austeridade, vida contemplativa e solitária.

Ora, certa vez não tinha o cozinheiro que dar aos frades. E mandou então Santo António pedir a dona sua devota lhe enviasse alguma hortaliça com que pudesse acudir aos religiosos seus súbditos.

Foi a dona ter com a criada, e com bons modos lhe dizia que fosse à horta numa pressa e trouxesse o que precisavam os frades para fazer a cozinha.

Era tempo de muita chuva, e por isso a rapariga de má catadura recebeu a ordem e armou logo em desculpas. Mas vencida pelos rogos da senhora, ao fim sempre se resolveu e foi colher as hortaliças e levou-as ao eremitério dos frades que ficava bastante longe da vila.

E entretanto nunca cessou de chover nem um momento sequer. Mas, apesar disso, ela foi e veio com os vestidos enxutos, sem nada se ter molhado.

E, no regresso a casa, contou à senhora como sempre chovera a bom chover, e não obstante a chuva nem lhe tocara.

E Pedro de Brive, cónego de São Leonardo de Noblet e filho da dita dona, todo se comprazia em recontar o milagre que sua mãe lhe contara. Em honra de Santo António. Amém.

## CAPÍTULO X

### **Como os frades se foram a Santo António a dizer do mal que uns homens fizeram no campo do seu amigo**

Também foi naquele lugar que isto aconteceu. Estava Santo António em oração à noite depois de Completas, segundo era seu costume, quando alguns irmãos, ao sair do oratório, viram ali ao pé num grande campo pertencente a um certo amigo e benfeitor, muitos homens que parecia arrancavam pela raiz toda a seara e tudo destruíam.

Condoídos do amigo que assim tanto dano sofria, vieram os frades numa pressa a correr, e com vozes doridas contaram ao Santo o que faziam aqueles malvados no campo do benfeitor.

E respondeu-lhes o santo varão de Deus:

— Deixai-os lá, irmãos; deixai-os lá, e tornai-vos à oração! Aquilo são artimanhas do inimigo, a ver se nos dá noite sem sossego, e nos perturba a alma, e distrai da oração. Ficai certos que nem prejuízo nem estrago vem daí ao campo do nosso amigo.

E obedecendo os frades às admoestações do santo padre, esperaram até manhã para saber do sucedido. E, apenas rompeu o dia, foram ver o campo a toda a volta e de uma parte e de outra, e encontraram-no como antes era, sem danos nem destroços.

Donde melhor conheceram o embuste do demónio e a santidade do varão de Deus.

## CAPÍTULO XI

### **Como, pregando uma vez Santo António a muito povo, vieram os demónios e o derribaram do púlpito**

Uma vez foi Santo António pregar a S. Juniano no bispado de Limoges, e porque a multidão do povo não cabia na igreja, resolveu de se ir à praça grande com toda aquela gente que para o ouvir se ajuntara.

Logo ali improvisaram um estrado, em lugar alto, à maneira de púlpito, onde o pregador de todos pudesse ser visto e ouvido. E o Santo para lá subiu. E, a abrir o sermão, exclamou:

— Eu sei que daqui a nada nos vem o demónio a perturbar. Não tenhais medo. Sua maldade não fará dano a ninguém.

E o caso foi que, passados momentos, se veio abaixo o estrado em que o Santo pregava; mas com admiração de todos não sucedeu mal a ninguém.

E o povo, ao ver como no servo de Deus reluzia o espírito de santa profecia, maior respeito lhe ganhou, e com mais atenção o escutou quando ele, armado outra vez o púlpito, recomeçou o sermão.

## CAPÍTULO XII

### **Como Santo António, pregando em Bourges, com fervor de espírito se dirigiu ao senhor bispo**

Pregando Santo António em Bourges quando ali se reunira o sínodo, movido de zelo e fervor santo voltou-se para o senhor bispo e exclamou:

— Contigo falo, mitrado!

E deu logo de exprobrar as mazelas que lhe ensujentavam a alma. E com tamanha energia o fez, com tão claras e firmes razões tiradas das sagradas Escrituras, que logo o bispo entrou de compungir-se e desatou em lágrimas de tanta devoção como até ali nunca sentira.

E, acabado que foi o sínodo, o bispo chamou à parte a Santo António, e descobriu-lhe as chagas da consciência.

E desde então ficou mais amigo dos frades e com maior diligência se entregou ao serviço de Deus.

## CAPÍTULO XIII

**Como certa vez, estando Santo António a pregar, começaram de vir trovões e chuvas e relâmpagos**

Outra vez convocara Santo António o povo de Limoges para vir à pregação. E acorreram tantos a ouvi-lo, que não couberam em nenhuma das igrejas da cidade. Pelo que o Santo teve de os levar a um sítio amplo, chamado Cova das Arenas, onde antigamente foram os palácios dos pagãos. Ali ficavam mais à vontade e melhor podiam ouvir a celeste doutrina.

Principiara o Santo a falar com o fervor costumado e estava o povo suspenso de suas palavras doces como mel, quando de repente começou de ribombar o trovão, faiscaram no céu os relâmpagos e desatou a chover.

Os ouvintes iam já a debandar, cheios de susto, com medo à chuva e trovoada, mas o varão de Deus começou de os afoitar:

— Irdes-vos embora, não! Não haja medo! Espero no Senhor, e Ele não deixará que vos moleste a chuva nem que a tempestade vos faça mal.

E o povo animou-se com as palavras do pregador, e assosse-gou. E o Senhor que segura as águas dentro das nuvens, susteve a chuva, em tal maneira que, caindo ela avonde a toda a volta da cidade, depois da promessa do Santo nem uma só gota caiu sobre a multidão que se quedara, atenta, a ouvir a palavra de Deus.

E terminado o sermão que foi longo, levantaram-se todos e viram a terra, à volta, completamente encharcada, e só o lugar por eles ocupado estava enxuto e seco.

Pelo que louvaram a Deus que, nas maravilhas do Santo, manifestava a sua Omnipotência.

## CAPÍTULO XIV

**Como certa vez, pregando Santo António, se levantou de entre o povo um sandeu a gritar**

Pregando, uma vez, Santo António, levantou-se de entre o povo um sandeu e desatou aos gritos a perturbar o sermão.

Com brandura o admoestava o Santo, a pedir que se calasse; mas o louco respondia que tal não havia de fazer até que lhe desse o seu cordão.

Fez-lhe o servo de Deus a vontade: tirou a corda que trazia atada à cinta e foi a entregar-lha.

Pegou dela o sandeu, pôs-se a abraçá-la e beijá-la, e de repente cobrou o siso e uso da razão. E na presença de todos caiu de joelhos diante de Santo António a agradecer o favor de o ter curado.

E assim moveu o povo a glorificar a Deus pelos milagres que fazia por intercessão de Santo António.

## CAPÍTULO XV

**Como Santo António estando em Pádua, cansado de ouvir confissões e dar conselhos espirituais, desejou entregar-se à oração**

Largo tempo demorara Santo António em Pádua a ouvir confissões, a pregar e a dar conselhos espirituais. Ao fim sentiu-se deveras fatigado, e desejou recolher-se a lugar de mais sossego para todo se entregar à oração e contemplação de Deus. E por isso escreveu ao Ministro Provincial a pedir licença para se retirar a um eremitério onde pudesse viver em santa paz e quietação de espírito.

Quando teve a carta pronta, deixou-a no escritório e foi ter com o guardião a pedir quem lha pudesse levar ao Ministro Provincial. E, achado um portador, tornou o servo de Deus pela carta; mas por mais que procurou, nunca a pôde encontrar.

Donde concluiu não ser talvez da vontade de Deus que se fosse daquele lugar; e por isso, mudando de propósito, tornou ao guardião a dizer que desistira de mandar a carta.

Mas, oh! maravilha de contar! Cumpridos que foram os dias em que pudera estar de volta o portador se tivesse sido enviado aonde o Ministro se encontrava, dele recebeu Santo António carta de resposta, a autorizá-lo a recolher-se ao eremitério que demandava, para sua consolação espiritual.

Com razão se pode acreditar que foi um anjo, em semelhança de mensageiro, quem pegou da carta do Santo e a levou ao Ministro, para deste modo o consolar e mostrar com tal prodígio que seu pedido era muito do agrado de Deus.

## CAPÍTULO XVI

### **Como Santo António com Frei Adão de Marisco foi mandado pelo Capítulo dos frades a estudar no Estudo Geral**

Com apazimento de São Francisco o Capítulo Geral escolheu a Santo António para primeiro estudante de teologia da Ordem, e mandou-o a terras de França com o inglês frei Adão de Marisco a frequentar o Estudo Geral.

E indo eles seu caminho, foram dar ao mosteiro de S. André de Vercelli, cujo abade era então havido pelo maior de todos os teólogos, e trasladara até do grego para latim os livros do bem-aventurado S. Dionísio e os ornara com formosíssimos comentários. E por aqueles tempos fora transferido para Vercelli o Estudo Geral de Milão.

Ora, o abade recebeu-os muito benignamente, e tanto se edificou com seu enlevamento de espírito, que, depois, afirmava muito ter aprendido com aqueles frades de aspecto simples e ignorante e ter visto em suas almas realmente retratadas as celestiais Jerarquias.

E durante os cinco anos que ali os dois passaram a estudar nos livros de São Dionísio, vieram a tanta claridade e lume de sabedoria que parecia não somente terem aprendido as ditas Jerar-

quias, mas haverem-nas de facto experimentado e percorrido. Por isso o venerável abade, a propósito de Santo António, escreveu assim no referido volume, capítulo terceiro, no parágrafo que começa pela letra U:

“Muitas vezes o Amor penetra lá onde não chegam as humanas filosofias. E assim lemos de alguns santos bispos que, apesar de menos instruídos nas ciências naturais, alumiados da Mística Teologia e com a agudeza da razão penetraram os céus, e, transcendendo todo o saber natural, chegaram até ao conhecimento da Trindade Beatíssima. Isto mesmo achei eu, por própria experiência, em Frei António de Lisboa da Ordem dos Frades Menores quando ele esteve comigo em companhia. Menos versado como era nas ciências naturais, com tanta pureza de coração e fervor de alma desejou a Mística Teologia, que abundantemente a sua inteligência a alcançou. Pelo que se pode a ele aplicar o que de São João Baptista está escrito: *Era candeia ardente e luminosa*, pois lá por dentro ardia em Amor e por fora luzia em boas obras”.

E o varão de Deus Santo António, apesar de muito rogado pelos frades, não presumiu pôr-se a ensinar sem primeiro conhecer a vontade de São Francisco, o qual, segundo corre, lhe deu por escrito esta resposta:

*“Ao muito amado irmão meu Frei António, eu Frei Francisco envio muito saudar em Jesus Cristo. Apraz-me que leias aos frades a santa Teologia, mas de maneira que eles não afoguem no estudo o espírito da santa oração e devoção, segundo na Regra se contém. E Nosso Senhor te ajude”.*

Também se afirma que Santo António foi algum tempo companheiro de São Domingos, quando ambos eles eram Cónegos Regulares.

Certa vez o abade dos monges negros de S. Bento, pregando em Pádua repetiu as palavras que São Paulo escreveu numa carta sua para São Dionísio. Ouvia-o Santo António, e tanto se comoveu com aquelas doces palavras que, por largo espaço de tempo, ficou arroubado, fora de si.

## CAPÍTULO XVII

### **Como Santo António lesse Teologia aos frades em Montpellier, um noviço se foi da Ordem, furtando-lhe um Saltério, e do mais que ali aconteceu**

Quando Santo António ensinava Teologia aos frades em Montpellier, aconteceu fugir da Ordem um noviço, de noite, e levar consigo furtivamente o Saltério glosado, de grande valor, por onde o servo de Deus dava suas lições.

Ao saber do caso, Santo António muito se apouquentou, e pôs-se logo em oração. E permitiu a virtude de Deus que saísse o demónio ao caminho àquele noviço quando ele, fugindo, atravessava uma ponte, e lhe dissesse com voz ameaçadora e de espanto:

— Torna com o saltério ao servo de Deus Frei António e volta à Ordem que deixaste, senão — é Deus quem assim ordena — mato-te já aqui e atiro contigo ao rio.

O noviço, cheio de terror, ainda quis resistir; mas logo o demónio se lhe mostrou de grandeza tão cruel, tão espantosa e aborrecível, a crescer em direcção a ele para o matar, que, possuído de temor de Deus, o pobre tornou-se a Santo António a restituir-lhe o Saltério, a conhecer a sua culpa e a pedir com lágrimas que lhe consentisse ficar na Ordem.

## CAPÍTULO XVIII

### **Como Santo António preservou da morte um menino que caíra em caldeira de água a ferver**

Chegou Santo António a certa vila para pregar, ao tempo em que uma mulherzinha estava com o filho cerca da caldeira, ao pé do lume, a aquecer a água para o banho.

Tão nos ares ela ficou quando soube da chegada do Santo que, houvera de se dizer quase perdeu o tino.

Na pressa de ir ao sermão, pegou no filho, e, pensando deitá-lo no berço, meteu-o na caldeira, e desatou a correr a caminho da igreja.

No fim, ia para voltar a casa, perguntaram-lhe as vizinhas onde deixara o filho. E só então a pobre caiu em si e se acordou que deixara a criança ao pé do lume. E na aflição de que se poderia o filho ter queimado, começou de arrepelar-se e de carpir-se, chamando-se mofina e desgraçada. E numa corrida doida desarvorou para casa. Seguiram-na de perto, também receosas e aflitas, as pessoas que a ouviram.

Pois ao chegar a casa encontrou o menino dentro da caldeira a brincar com as bolhas da água que fervia em cachão.

E todos os que ali foram presentes, se maravilharam e com razão; e em grandes vozes louvaram a Deus e ao glorioso Santo António.

## CAPÍTULO XIX

### **De um menino morto a quem Santo António miraculosamente ressuscitou**

Também de outra vez tinha chegado Santo António a um lugar para pregar, e uma devota mulherzinha deixou o filho no berço e foi ouvir o sermão.

Ora, quando depois voltou a casa, foi dar com o filho, morto, deitadinho de costas no berço.

Toda aflita e apoquentada correu numa pressa a Santo António a rogar-lhe com muitas lágrimas que lhe ressuscitasse o seu menino.

E o Santo, doendo-se dela, por duas ou três vezes lhe disse:

— Anda, vai, que Deus te fará bem.

E ela, fiada nas palavras do Santo, voltou para casa cheia de esperança; e ao filho que deixara morto, encontrou-o vivo e a brincar com umas pedrinhas que antes nunca tivera.

## CAPÍTULO XX

**Como certo fidalgo viu a Santo António abraçado ao  
dulcíssimo Menino e Senhor Nosso Jesus Cristo**

Quando certa vez Santo António entrou numa cidade em serviço de pregação, o senhor fidalgo que lhe deu pousada, assinou-lhe aposentos retirados a fim de não o perturbarem no estudo e oração.

Ora, estava o Santo recolhido e só em seus aposentos, quando o senhor fidalgo, discorrendo pela casa a tratar da sua vida, adregou passar perto, e levado por devota curiosidade espreitou para dentro, a escondidas, por uma fresta que abria mesmo no lugar onde o Santo descansava. E o que haviam de ver seus olhos! Um Menino mui formoso e alegre nos braços de Santo António, e o Santo a contemplar-lhe o rosto, a apertá-lo ao peito e a cobri-lo de beijos.

Ficou maravilhado o fidalgo com a formosura do Menino, e todo se espantava não atinando como explicar donde teria vindo para ali criança tão graciosa e tão bela.

E o Menino, que outro não era senão o Senhor Jesus, revelou a Santo António que seu hospedeiro o estava espreitando.

Pelo que Santo António depois de findar a longa oração, chamando o senhor fidalgo humildemente lhe pediu e instou que, enquanto ele vivo fosse, a ninguém descobrisse a visão que espreitara.

E só depois da morte do Santo, o senhor fidalgo com lágrimas santas contou o milagre que seus olhos indiscretos haviam contemplado. Em louvor de Cristo. Amém.

## CAPÍTULO XXI

**Como pelos méritos de Santo António um homem alcançou o perdão dos pecados que por escrito confessara**

Com o sermão que Santo António pregara, ficou o homem de tal maneira compungido de seus pecados que, pelos muitos gemidos e lágrimas, nem os podia confessar. E disse-lhe então o Santo:

— Vai, e escreve num papel todos os pecados que te lembrarem; e depois vem traz-me o papel assim escrito.

E o homem fez tal qual o santo lhe dissera e trouxe o papel onde escrevera os pecados. E logo naquele instante todos foram apagados, que não mais apareceu coisa alguma escrita no papel.

## CAPÍTULO XXII

**Como Santo António, estando a pregar, reconheceu o demónio disfarçado em figura de correio**

Certa vez pregava Santo António numa solenidade, quando o velho inimigo dos homens entrou na igreja, disfarçado em troteiro, e foi entregar uma carta a certa dona cujo filho tinha inimigos mortais. E dizia a carta que já os inimigos lhe tinham matado o filho, e até nomeava o lugar onde o crime fora praticado.

Ora o Santo, daquelas coisas nada ouviu com os ouvidos do corpo, nem seus olhos de longe podiam ter lido a carta; mas porque Deus lhe mostrou na alma tudo o que passava, a sossegar a dona apressou-se em dizer:

— Não vos amofineis, senhora! Vosso filho está vivo e com saúde, e em breve estará de volta sem que ninguém lhe tenha feito mal. Esse que veio até vós e aí está, é o demónio em pessoa. Traçou semelhante embuste só para perturbar o sermão.

E, palavras não eram ditas, quando o troteiro se esvaíu em fumo.

## CAPÍTULO XXIII

### **Como Santo António predisse a certa dona que por Cristo sofreria martírio o filho que breve lhe havia de nascer**

Como Santo António, em Puy, visitasse em sua casa a certa dona que estava prestes a ser mãe, logo a mulher aproveitou a ocasião para lhe pedir que em suas orações se lembrasse dela e do filho que lhe havia de nascer.

E, depois de longa oração, voltou o santo varão de Deus com a boa nova:

— Alegra-te e tem esperança, pois o Senhor fará grande na sua Igreja o filho que te vai dar. Será Frade Menor, e depois mártir por Cristo, e sua pregação a muitos esforçará também no caminho do martírio.

E a dona deu à luz um filho a quem pôs o nome de Filipe. Cresceu ele e entrou na Ordem dos Menores; e depois, por inspiração divina, se passou além do mar e estava em Azoto quando, por traição, a cidade caiu em poder dos muçulmanos.

Ora os cristãos que ao tempo moravam em Azoto, pouco menos de dois mil, ficaram nas mãos dos bárbaros que logo lhes propuseram à escolha: ou a vida, negando a Cristo; ou tormentos de morte, se teimassem em guardar suas crenças.

E foi então que Frei Filipe, estando todos eles reunidos, lhes fez pregação a animá-los na Fé, e lhes mostrou uma visão que tivera:

— Irmãos muito amados, sede firmes na Fé, pois Nosso Senhor esta noite me revelou que eu mais outras mil almas breve entraríamos na glória do Paraíso pelo caminho do martírio.

E continuou assim a exortá-los, ouviu-os de confissão, e todos escolheram de boamente morrer por amor de Jesus Cristo.

Começou a carnificina. Uns após outros, aqueles mártires iam caindo, degolados, por amor de Cristo. E entretanto Frei Filipe não descansava um momento, a esforçá-los pregando-lhes a Fé. Pelo que o sultão, mais cheio de iras e de sanha, mandou que a ele lhe cortassem as juntas das mãos, pedaço a pedaço.

Mas como nem assim o bom do frade deixasse de pregar, fez que até meio corpo o esfolassem. E Frei Filipe, com as dores do martírio mais se animava no sermão.

Enraivecido, ordenou ainda o sultão que lhe cortassem a língua. Pois, nem mesmo assim, calou o bom do frade. Aceso em fervor que não se poderia contar, pregou até que todos os companheiros foram degolados.

E chegou então a sua vez: tirou o capuz, ofereceu o pescoço com grande devoção, e os algozes deram-lhe a coroa do martírio cortando-lhe a cabeça.

Quatro dias os cadáveres para ali jazeram insepultos. E quando, ao fim desse tempo, o sultão voltou por aqueles sítios, achou-os sem nenhum mau cheiro ou corrupção.

Aonde claramente se vê como bateu certa a profecia de Santo António.

## CAPÍTULO XXIV

### **Como Santo António consertou um copo partido e milagrosamente encheu de vinho uma talha vazia**

Santo António, apenas foi aliviado do cargo de Custódio de Limoges, pôs-se de caminho para Itália com outro companheiro. E sucedeu que, ao atravessarem o reino da Provença, num povoado pequeno, certa mulher, compadecida, levou-os a sua casa por amor de Deus. E à maneira da outra Marta do Evangelho, solícita lhes pôs a mesa com pão e vinho; e, para os servir, à vizinha pediu emprestado um copo de vidro.

Querendo, porém, o Senhor provar a mulherzinha com a tentação, permitiu que quando ela foi à adega buscar vinho para os frades, deixasse o torno da cuba mal apertado, pelo que ficou o vinho a correr para o chão.

E, como se não bastasse esta desgraça, outra ainda aconteceu: o companheiro de Santo António, à mesa, ao pegar no copo, tão desastrosamente o fez que pelo meio o deixou partido, o pé a uma parte e a copa a outra.

Comeram os dois e beberam, e ao fim quis ainda a caritativa mulher dar aos frades vinho fresco. E, voltando à adega, achou o vinho quase todo entornado pelo chão. Pelo que veio aonde os frades, e, chorando mui coitada a sua sorte, contou o sucedido.

Santo António havendo dela compaixão, pousou a cabeça sobre a mesa entre as mãos, e começou a rezar com fervor.

Coisa admirável! Ficando-se a mulher a olhar o Santo que assim orava, viu que de repente os dois pedaços do copo se ajuntaram por movimento próprio ou antes por virtude de Deus, e que a copa por si mesma se foi colocar em cima do pé que estava ao outro lado da mesa.

Maravilhada, pegou do copo, meneou-o fortemente. e não havia que duvidar, estava bem soldado por virtude da oração daquele frade.

Lembrando-se de que a mesma virtude que consertara o copo, também podia restituir-lhe o vinho entornado, desceu ainda à adega e encontrou de facto a cuba que antes deixara apenas meia, agora cheia até cima, a ponto de o vinho saltar pelo batoque a ferver como ferve o vinho novo.

Com a qual coisa mais se espantou e alegrou a mulherzinha, e reconheceu andar o poder de Deus com aquele frade.

Quando Santo António notou que fora ouvida a sua prece, como discípulo da verdadeira humildade de Jesus Cristo imediatamente se partiu daquela aldeia a fugir a honras e louvores.

## CAPÍTULO XXV

### **Das maravilhas que Santo António operou na Itália. E, primeiro, de um menino tolhido a quem desembaraçou os membros**

Estando Santo António em Itália, ocupava os seus dias a pregar e a ouvir confissões.

Certa vez voltava ele do sermão, por caminho desviado e só, a fugir aos louvores dos homens que regressavam a casa depois de

o ouvirem pregar, quando deu de caras com uma mulherzinha que por aqueles desvios o procurava.

Trazia nos braços o filho que desde nascença era tolhido, e tinha esperanças de que, se o Santo sobre ele fizesse o sinal da Cruz, logo ficaria curado.

E por isso apenas deparou com Santo António, lançou-se-lhe aos pés a pedir, com gemidos e lágrimas, houvesse piedade de mãe tão desconsolada, e sobre o filho que ali trazia, lhe fizesse o sinal da Cruz.

Escusava-se o servo de Deus como podia, retraído na sua profunda humildade; mas ela, a mulherzinha, é que não desistia e reforçava seus prantos e gemidos com o grito angustiado:

— Ó senhor, tenha compaixão de mim!

E o Padre Santo António, apiedado daquela mãe aflita e do filho doente, e ainda porque seu companheiro, varão famoso em bondades, interveio também a pedir, traçou sobre a criança o sinal da Cruz em virtude e em nome de Jesus Cristo.

Oh! maravilha de esperança! Logo, no mesmo instante, aquele que a triste mãe trouxera aleijadinho, se pôs de pé, e já a andar por si mesmo voltou a casa, alegre e são.

E o santo varão de Deus que não podia atribuir o milagre aos seus merecimentos, mas sim à fé da mulherzinha, instantemente pediu que, enquanto vivo fosse, a ninguém ela contasse o sucedido.

## CAPÍTULO XXVI

### **De uma menina entrevada que Santo António curou**

Uma criança, chamada Paduana, há quatro anos não podia andar, e a custo se arrastava pela terra assim como fazem as serpentes. Para mais, sofria de mal caduco, e por isso amiúde se espumava no chão, espumando tanto pela boca que até metia dó.

Seu pai, de nome Pedro, ia com ela ao colo certa vez, quando por acaso se encontrou com Santo António que vinha de pregar. E eis que, cheio de devoção e confiança, começou de rogar ao Santo que lhe abençoasse a filha com o sinal da Cruz.

E o servo de Deus ao ver a Fé límpida e sincera daquele homem, em nome da Santíssima Trindade traçou o sinal da Cruz sobre a criança desde a cabeça até aos pés.

E logo no mesmo instante, pelo poder de Deus Onnipotente, a menina ganhou firmeza no andar, em tal maneira que já desembaraçadamente se deitou ao caminho sem a ajuda de ninguém. E da mesma sorte sarou então do mal caduco.

## CAPÍTULO XXVII

### **Como Santo António preservou os vestidos de uma mulher que caiu na lama**

No tempo que demorou em Pádua, saiu um dia Santo António a pregar fora de portas, e muito povo seguiu atrás dele para o ouvir. E, entre os mais, ia também senhora nobre que, ao passar num campo, empurrada da multidão, caiu no lodaçal.

No perigo de se ver para ali toda enlameada e estragado o vestido novo que trazia a estrear, humildosamente se encomendou a Deus e a Santo António. É que sobretudo temia-se das sanhas do marido, se fosse aparecer em casa com o vestido ensujado.

E o auxílio de Santo António não se fez esperar, pois logo a boa dona alcançou o remédio que pedira, e foi milagre de espantar: limpa saiu da lama e limpos também os seus vestidos. E muito contente seguiu seu caminho para o lugar onde o Santo ia pregar.

E quantos ali eram presentes e a tinham visto cair no lodaçal, maravilhados louvavam a Deus e ao seu servo o Padre Santo António.

## CAPÍTULO XXVIII

### **Como de sua casa certa mulherzinha ouviu o Santo que pregava muito ao longe**

Também outra devota mulherzinha toda ela era desejos de se ir a ouvir a Santo António que saíra fora da cidade a sementar a

palavra de Vida eterna. Mas o marido não houve meio de a deixar partir. Estava doente, alegava ele, e não podia dispensar os cuidados da mulher. E a devota, anojada de tristeza, não teve mais remédio senão quedar-se em casa por aquela vez.

E, à hora do sermão, subiu ao terraço da casa e pôs-se a uma varanda que deitava para aquelas bandas onde o Santo ia pregar. Consolava-se desta forma, já que melhor não podia fazer.

Ouvides agora maravilha de espantar! Estando assim à varanda, a olhar, suspenso o pensamento, eis que, por virtude d'Aquele que se compraz em satisfazer os santos e piedosos desejos, subitamente começou de ouvir a voz de Santo António que pregava ao longe.

E como ela para ali ficasse, embevecida, a ouvir a consoladora voz do Santo, o marido desatou em ralhos. E ela que respondeu:

— Estou a ouvir a Frei António.

Escarneceu dela o marido, pois sabia ficar dali a duas milhas o lugar onde era a pregação, e de tal lonjura não é possível chegar a voz seja de quem for.

Mas porque a mulher teimava em que ouvia perfeitamente o Santo, o homem esforçou-se e também ele veio à varanda a ver se era verdade o que a mulher lhe contava. E o caso é que, pelos merecimentos da esposa fiel, logo começou de ouvir claramente a voz do santo pregador.

Ao ver tamanho milagre, deu graças a Deus e ao bem-aventurado Santo António, e dali em diante ele se achegava à pregação e nunca mais estorvou a piedade da sua boa mulher.

## CAPÍTULO XXIX

### **Como Santo António tornou o pé a um moço que a si mesmo o tinha cortado**

Aconteceu muitas vezes o varão de Deus Santo António, na ânsia de salvar as almas, dizer aos pecadores os remédios a usar na emenda da sua vida de pecados. E ainda mais (Oh! maravilha de contar!): aparecia de noite a muitas pessoas quando dormiam, e,

chamando-as pelo nome, segundo elas depois contavam aos frades, falava-lhes desta maneira:

— Levanta-te e vai a tal frade ou a tal sacerdote, e confessa-lhe o pecado que em tal tempo e lugar tu cometeste.

E aqueles pecados de ninguém eram sabidos, senão de Deus.

E foi assim deste modo que muitos foram limpos, no sacramento da Penitência, de pecados que por vergonha nunca tinham confessado.

Sucedeu outrossim que um moço de Pádua, de nome Leonardo, veio certa vez confessar-se com Santo António, e, entre os mais pecados, declarou que tinha corrido sua mãe a pontapés, com tais fúrias que até no chão a prostrara.

Ao ouvir tão feio pecado, o varão de Deus teve palavras de muita repreensão, e no fervor de espírito, entre outras coisas, disse para o moço:

— Pé que feriu pai ou mãe, deveria logo ser cortado.

O moço que era ingénuo e simples, tomou à letra as palavras de Santo António; e na volta, ao chegar a casa, muito entristecido com a feia culpa e desconsolado com a áspera repreensão, foi-se a si e cortou o pé criminoso.

Correu a notícia pela cidade e daí a nada estava nos ouvidos da mãe do moço, a qual numa pressa correu a casa, muito aflita. Ao ver o filho com o pé cortado, logo adivinhou a causa, e foi-se aonde os frades, dando gritos e acusando Santo António de lhe ter matado o filho.

E o Santo, vindo a ela, consolou-a e legitimamente se escusou da culpa que lhe era atribuída. E depois foi ter com o moço que cortara o pé, e fazendo sua oração devotamente e com angústia, agarrou no pé decepado, ajuntou-o à perna, sobre ele fez o sinal da Cruz, e tacteando com suas benditas mãos como se estivera a soldar ou a ungir a ferida, logo o pé ficou tão bem pegado como antes fora.

E o moço levantou-se sobre ele e começou a andar de uma parte a outra, muito alegre e satisfeito, dando graças a Deus e a Santo António.

## CAPÍTULO XXX

**Como Santo António falou ao tirano Ezzelino  
e do que então aconteceu**

Era um senhor poderoso, mas mui cruel tirano, e chamava-se Ezzelino da Romano. Em Pádua e lugares de ao redor, praticava grandes violências e vexames; e em Verona, no princípio da sua tirania, até fizera nos cidadãos grande matança.

Quando o Padre Santo António tais coisas ouviu contar, resolveu ir ter com ele, pessoalmente, sem medo. E chegado à sua presença, começou de o increpar desta maneira:

— Ó inimigo de Deus, tirano mui cruel e perro raivoso, quando deixarás tu de verter o sangue indefeso dos cristãos? Fica certo que sobre ti vai cair sentença de Deus, dura e espantosa.

E muitas outras coisas lhe foi dizendo e mui ásperas.

Os salteadores e roubadores que estavam com o tirano, esperavam que ele logo ali mandasse matar o Santo, pois assim costumava proceder com as ousadias por mais santas que elas fossem. Mas, por disposição divina, daquela vez sucedeu de outra maneira.

Às palavras de Santo António, o tirano compungiu-se. Domada a crueldade do seu coração e feito assim como borrego manso, lançou o cinto ao pescoço, rojou-se em terra diante do servo de Deus com grande pasmo dos circunstantes, e conheceu e humildemente confessou a sua culpa, prometendo em tudo emendar a vida segundo ao Santo mais aprovesse.

E depois dizia aos companheiros, maravilhados com tudo aquilo:

— Não vos admireis do que vistes, pois, eu vo-lo afirmo de verdade, vi sair do rosto daquele Padre um resplendor divinal que de todo o ponto me aterrou. Ao vê-lo, pensei que, de súbito, ia ser atirado ao profundo dos infernos.

E desde aquele encontro, houve Ezzelino grande devoção por Santo António; e, mentes o Santo viveu, refreou-se de praticar muitas maldades que dantes praticava, segundo ele mesmo confessou.

E como o servo de Deus afoitamente continuasse a pregar contra as crueldades do dito tirano, quis este provar sua rectidão e

justiça, e enviou-lhe arteiramente um presente por mãos de seus criados, aos quais disse:

— Com humildade e devoção ireis da minha parte a Frei António, e com a maior reverência que puderdes, lhe entregareis este presente. Se ele o receber, matai-o imediatamente; mas, se com indignação o rejeitar, sofri com paciência tudo o que vos disser e voltai sem lhe fazer dano algum.

E os servos enganosos do tirano foram-se e apresentaram-se a Santo António, e com muita reverência lhe disseram:

— Teu filho Ezzelino da Romano encomenda-se às tuas orações, e pede que aceites o presente que por devoção te envia, e rogues ao Senhor pela saúde de sua alma.

Mas Santo António menosprezou todo o presente, dizendo baldões àqueles que lho traziam, e afirmando outrossim que não podia aceitar o fruto das rapinas dos homens. Que todas as coisas deles fossem para sua perdição, e que se partissem dali quanto antes, não fosse a casa ficar ensujentada por causa da presença deles.

E os mensageiros tornaram-se, confundidos, ao tirano, e contaram-lhe como as coisas se passaram. E Ezzelino comentou:

— Homem de Deus é. Deixai-o, e que daqui por diante diga o que bem lhe aprouver.

## CAPÍTULO XXXI

### **Como o demónio pretendeu sufocar a Santo António para que ele não pregasse**

O demónio, ao ver todo o bem que fazia o servo de Deus Santo António com suas santíssimas pregações, e as muitas almas pecadoras que reduzia ao caminho da salvação, e os celerados e maus que por seu conselho deixavam o crime e voltavam à penitência, encheu-se de invejoso desespero e fez quanto pôde por estorvar o servo de Deus no seu apostolado.

E porque, apesar de tudo, o Santo teimava em fervorosamente continuar na pregação, uma noite o demónio deu sobre ele quan-

do estava na oração, e atirou-se-lhe ao pescoço com ganas de o sufocar.

Recorreu Santo António à misericórdia divina; e, pronunciando o santo nome da gloriosa Virgem Maria, logo o tentador fugiu, deixando vencedor o servo de Deus.

## CAPÍTULO XXXII

### **Como Santo António fez que falasse um morto para livrar da forca a seus pais**

De outra vez, o demónio, para afligir o servo de Deus Santo António, empenhou toda a sua astúcia e mentira. E foi assim:

Fez que, em Portugal, na cidade de Lisboa, certo homem cruel, noite velha, depois de ter matado a um seu inimigo levasse o cadáver e o atirasse para o quintal dos pais do Santo que ali moravam na cidade, e depois fugisse.

No dia seguinte, ao amanhecer, os vizinhos, vendo o sangue espalhado pela rua, procuraram a um e outro lado a ver o que teria acontecido, e foram dar com o cadáver junto da casa dos pais de Santo António.

Chegou o caso aos ouvidos do Regedor das Justiças, e veio ele mai-los seus esbirros e com grande fúria prenderam o pai e a mãe do servo de Deus.

Como inocentes e bons cristãos que eram, bem se escusavam eles por todos os modos que podiam; mas em vão, pois os não acreditaram. E, levados à cadeia, foram julgados dali a dias e condenados a morrer na forca.

Àquele tempo pregava o servo de Deus em Itália, e por divina revelação soube do sucedido. Movido de piedade para com os seus aflitos pais, foi ter com o guardião e humildemente lhe pediu a bênção e companheiro para se ir imediatamente a Portugal onde o chamava negócio urgente.

E o guardião caritativamente lhe deu por companheiro um frade devoto e santo. E, partindo-se ao cair da noite, na manhã seguinte estavam às portas de Lisboa.

E, entrando na cidade, encontrou o Santo a seus pais já condenados a morrer na forca. Correu logo numa angústia a falar com o Regedor das Justiças. Começou de repreendê-lo da sentença iníqua que tinha dado, condenando à morte inocentes que eram sem culpa.

E o Regedor que por outiva e experiência sabia da santidade de António respondeu:

— “Ó Frei António, se fores capaz de apresentar provas legítimas ou testemunho suficiente da inocência de teus pais, fica certo de que os soltarei com sumo gosto, e nenhum mal virá sobre eles. Agora se tanto não puderes, então preciso é que se cumpra justiça, pois em casa deles foi encontrado o morto”.

Santo António, com firmíssima esperança na clemência divina, tornou-lhe:

— A prova mais certa e verdadeira será perguntar ao defunto se foram meus pais que lhe deram a morte. Se responder que sim, pois faça-se justiça; mas se responder que estão sem culpa, dar-lhe-ás a liberdade.

Quer o Regedor quer o povo consentiram com proposta tão maravilhosa e razoável, e partiram-se todos dali donde estavam, para a sepultura do morto, já desde há dias enterrado.

E o servo de Deus Santo António, pondo-se primeiro em oração, suplicou à misericórdia divina viesse em seu auxílio naquela grande aflição. E acabada que foi a reza, levantou-se cheio de fé e bradou em alta voz:

— Ó homem, por virtude de Deus omnipotente e da parte do misericordioso Jesus te ordeno que digas se foram meus pais que te mataram.

Maravilha estupenda e admirável! Tão depressa o servo de Deus impôs aquela ordem, logo o homem enterrado desde há dias, não podendo resistir à palavra do fiel servo de Deus, do fundo da sepultura respondeu em alta e clara voz, a dizer:

— Esses, que são condenados por causa da minha morte, estão inocentes e sem culpa.

Ao ouvir tal resposta, o Regedor com os mais circunstantes ficaram abismados com tão grande milagre. E o Santo disse então para o morto:

— Agora dorme em paz, e louvado seja Deus que livrou os inocentes!

E quis o Regedor que Santo António mandasse ao morto dissesse quem fora então o assassino autor da sua morte. Mas o Santo recusou-se:

— Vim a livrar inocentes e não a acusar homicidas. A mim me basta o que é feito e dito.

E foi muita a alegria dos pais do Santo quando logo os soltaram; e juntos com o Santo António renderam a Deus louvor e glória. E Santo António, depois de os ter confortado, pedindo-lhes a bênção se partiu.

E no dia seguinte estava de volta em Itália, levado nas mãos dos Anjos. Em louvor e glória de Deus omnipotente. Amém.

## CAPÍTULO XXXIII

### **Da morte do Padre Santo António e dos anos da sua vida quantos foram**

Como Santo António houvesse ministrado ao povo de Pádua a palavra de Deus por toda aquela Quaresma e até ao Pentecostes, chegadas que foram as ceifas passou-se a um lugar solitário chamado Camposampiero, a fim de, por algum tempo, em sossego, mais proveitosamente se entregar à oração e ao estudo das Santas Escrituras.

E os frades tinham ali um grande amigo que à sua custa os sustentava, o qual acolheu a Santo António com muita devoção assim como se fora um anjo enviado do céu.

A pedido do Santo mandou ele fazer, na montanha, com ramos de árvores, três celas onde folgadoamente se entregassem à oração e contemplação ele e mais os seus dois companheiros, varões de muita perfeição, Frei Lucas e Frei Rogério.

Mas, passado pouco tempo, faleceram-lhe as forças do corpo, e por isso pediu para o levarem ao convento de Pádua. E porque vinha a ele muita gente, a fugir a honras e aplausos mudou-se dali para o eremitério dos frades que nos officios divinos e no mistério

dos sacramentos serviam as Senhoras Pobres ou Clarissas num mosteiro fora da cidade.

E, crescendo a enfermidade, depois de ter proferido palavras de muita edificação e dado mostras de grande devoção, sua alma santíssima passou à glória de Deus Pai.

E somaram trinta e seis os anos todos de sua vida, a saber: viveu em casa de seus pais quinze anos; no mosteiro de S. Vicente que é na cidade de Lisboa, dois; nove, no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; e por último, na Ordem de São Francisco, mais dez anos, e depois bem-aventuradamente acabou seus dias com muitos milagres e maravilhas.



Segunda Parte

**MILAGRES QUE FEZ SANTO ANTÓNIO  
DEPOIS DA SUA MORTE**



## CAPÍTULO XXXIV

### **Como de Santo António falou o abade de Vercelli em livro que escreveu, e de como ambos se estimavam no Senhor**

No dia em que Santo António passou desta a melhor vida, o abade de Vercelli, homem famoso e mui versado nas divinas Escrituras, estava em sua cela, sozinho, todo absorvido em pensamentos de Deus.

Ora Santo António enquanto foi vivo, consagrou amizade singular ao dito abade, e um ao outro amiúde se edificavam conversando sobre as Santas Escrituras. E por isso o abade em livro que escreveu, assim falou do bem-aventurado Santo António:

“Frei António da Ordem dos Frades Menores, iluminado da divina graça, plenissimamente bebeu o sentido místico da Sagrada Teologia”.

Encontrando-se, pois, o abade recolhido em sua cela à hora em que o Santo se finou, eis que viu entrar, sozinho, ao servo de Deus seu amigo. Depois de mutuamente se saudarem, Santo António logo acrescentou:

— Senhor abade, lá deixei em Pádua o meu burrinho e me vou numa pressa para a Pátria.

E, sem mais dizer, com muita familiaridade lhe tocou na garganta, a curá-lo da enfermidade que nela então sofria; e, saindo, desapareceu.

O abade, julgando ao servo de Deus de partida para Portugal, terra onde nascera, pois não sabia da sua morte, a fim de o deter uns momentos para santo conversar, levantou-se e veio atrás dele; mas já não o pôde apanhar. E por mais que perguntou aos servos do mosteiro onde estava Frei António, todos responderam que não tinham visto ali o Frade nem sabiam onde estivesse.

Mas o abade é que teimava em que, havia instantes, o vira em sua cela, lhe ouvira tais e tais palavras e até fora por ele milagro-

samente curado da enfermidade de garganta. E mandou logo ao eremitério da cidade onde os frades moravam, a ver se porventura ali o tinham visto.

E não achando novas dele, pôs-se a considerar em seu coração que certamente seu amigo Frei António havia morrido e bem-aventuradamente subira à pátria celestial. E, tomando sentido no tempo em que tudo isto aconteceu, achou que, de verdade, o Santo havia passado desta a melhor vida naquela mesma hora em que o visitara. Glória a Jesus bendito. Amém.

## CAPÍTULO XXXV

### **Como Santo António foi canonizado pelo senhor Papa Gregório IX, e do que então aconteceu**

O bem-aventurado Padre Santo António logo desde o dia em que se passou desta vida ao gozo da face de Deus Nosso Senhor, começou de resplandecer com milagres e prodígios de espantar. Pelo que a cidade de Pádua julgou bem enviar solenes mensageiros ao senhor Papa Gregório IX a informá-lo de quanto se passava.

E o senhor Papa, após diligente exame e madura ponderação, em dia de Pentecostes — haviam decorrido apenas onze meses depois da morte do servo de Deus — em cerimónia solene mandou ler perante a multidão dos Prelados e do povo a notícia dos ditos milagres, e aprovados que eles foram, fez o sinal da Cruz e em nome da Santíssima Trindade inscreveu o bem-aventurado Santo António no catálogo dos Santos.

E depois de ordenar que a sua festa se celebrasse todos os anos no dia treze de Junho, aniversário da sua morte, entouo solene *Te Deum* de acção de graças e ao fim levantou a antífona dos Doutores da Igreja *O doctor optime, Ecclesiae Sanctae lumen*, que foi cantada pelo coro com majestosa solenidade. E, depois do versículo, o Sumo Pontífice, a rematar a festa, muito devotamente recitou a oração própria do Santo.

Ora naquele mesmo dia, todo o povo da cidade de Lisboa onde Santo António nascera, sobremaneira se alegrou sem saber a

causa de tamanha alegria, pois não chegara a notícia de que se estava procedendo à canonização do Santo seu patrício.

E, o que é ainda mais de espantar: os sinos da cidade tocaram por si mesmos, não os tangendo ninguém. Era para se dizer que as vozes dos sinos apregoavam a solenidade que lá longe se fazia em honra de Santo António.

E dali a pouco veio a saber-se em Lisboa que naquele dia fora o bem-aventurado Padre Santo António exaltado às honras dos altares. E vendo-se a cidade enobrecida com os resplendores de muitos milagres, honrosamente dedicou a Santo António o altar-mor da Igreja catedral; e todos os anos se celebra ali a sua festa, solenemente, com prodígios e milagres.

## CAPÍTULO XXXVI

### **Milagre que Santo António fez a um moço, em Lisboa, cidade de Portugal**

Na cidade de Lisboa, um moço, de nome Aparício, sobrinho de Santo António, foi-se à praia com outros companheiros e com eles subiu para um barquinho por motivo de folgar.

E sucedeu que, sobrevindo temporal, as ondas, erguidas pelo arrebatado dos ventos, engoliram a barca. Os companheiros de Aparício porque eram maiores e sabiam nadar, escaparam-se para terra, e só o mocito, assim como pedra pesada, se foi ao fundo.

Quando a mãe soube do caso, correu à ribeira do mar em gritos e prantos, e com muitos rogos pediu aos pescadores que nas suas redes lhe apanhassem o corpo do filho que ali o mar afogara. Queria, ao menos, a consolação de ainda o ver e de o fazer enterrar.

E os pescadores, lançando as redes, colheram-no, tiraram-no para fora e entregaram-no à triste mãe que para ali se carpia inconsolável.

E acudiram também, chorosos, outros parentes e amigos, e levaram-no para casa. E a ver se lançava fora a água que bebera, punham-no de pernas para cima e de cabeça para baixo; mas, por

muitas voltas que deram, o moço não veio a si, que bem morto estava ele.

Resolveram então, de comum acordo, levá-lo à sepultura ao outro dia.

Mas a mãe, cheia de confiança no Senhor e no bem-aventurado Santo António, em maneira nenhuma o consentiu. E chamava mui devotamente pelo Santo a prometer-lhe firmemente que, se o filho ressuscitasse, o daria à sua Ordem.

E o certo foi que, ao terceiro dia, à vista de muitos que eram presentes, o moço levantou-se e reviveu. Pelo qual milagre todos deram muitos louvores a Deus e a Santo António.

E não esqueceu a mãe o voto que fizera. E, quando o moço foi de boa idade, livremente o deu à Ordem de São Francisco.

E foi ele quem, depois, quando vivia entre os frades com grande esplendor de virtudes, contou as maravilhas que Deus lhe havia feito por intercessão de seu parente Santo António.

## CAPÍTULO XXXVII

### **Como, por virtude de Santo António, reverdeceu uma vide seca, e produziu uvas e vinho**

Certa ocasião estavam uns fulanos de conversa, e vindo à baila os milagres dos Santos, saú-se um deles a encarecer os prodígios que de Santo António se contavam. E, entre outros, lembrou aquele do copo de vidro que certo incrêu atirara do alto da janela sobre as pedras, e que, mesmo assim, se não quebrara.

Ouvindo o caso, outro dos que eram presentes, pegou de um copo de vidro numa das mãos e na outra de umas vides secas, e disse:

— Se Santo António fizesse que destas vides nascessem uvas, e que do mosto delas se enchesse este copo, então sim, teria o caso à conta de milagre e acreditaria nesses outros que tu contas do copo que se não partiu.

Pois — coisa maravilhosa de contar! — subitamente reverdeceram as vides secas, cobriram-se de renovos, nasceram uvas,

amadureceram, e com o mosto que delas se espremeu, de todo o ponto ficou cheio o copo.

E, na presença de prodígio tamanho, os escarnecedores dos milagres do Santo converteram-se em pregoeiros da sua glória, e deram muitas graças a Deus e a Santo António.

## CAPÍTULO XXXVIII

### **Como Santo António ressuscitou a filha del-rei de Leão e de uma rainha de Portugal**

Era muito devota de Santo António a rainha de Leão.

Quando sucedeu de lhe morrer uma filha de onze anos, três dias, contra a vontade do rei e dos cavaleiros da corte, a conservou junto de si, orando e dizendo:

— Ó meu Santo António, lembra-te de mim que sou da tua terra, e dá-me vida à minha filha!

E repetindo muitas vezes o pedido com grande devoção, eis que a filha ressuscitou. Mas logo se pôs a repreendê-la com palavras como estas:

— Deus vos perdoe, mãe, pois estando eu na glória entre as Virgens, Santo António, por motivo de vossas preces, tão afincadamente rogou ao Senhor que me tornasse à vida, que Ele para vós me mandou a consolar-vos. Ficai, porém, certa de uma coisa, mãe: Nosso Senhor me prometeu que só quinze dias me deixaria convosco.

## CAPÍTULO XXXIX

### **Como de verdade cegou um homem que fingia de cego para escarnecer de Santo António**

Como em Pádua Santo António resplandecesse com os muitos prodígios que fazia, quiseram alguns hereges publicamente provar que esses seus ditos milagres não eram verdadeiros mas fingidos.

E vieram a Pádua, vendaram os olhos a um deles com tira de pano molhado em sangue, e, indo-se ao sepulcro do Santo, clamavam em alta voz, chorando e dizendo como àquele infeliz o haviam cegado injustamente. E rogavam ao povo quisesse com eles suplicar a Santo António que de novo lhe alumiasse os olhos.

E assim estiveram por espaço de uma hora. E, ao fim, o que fingia de cego, começou de bradar em alta voz:

— Santo António restituiu-me a vista!

E foram então os companheiros e tiraram-lhe a venda que tinha sobre os olhos, a fim de, perante toda a multidão, escarnecerem com o milagre fingido.

Mas, ao tirarem a venda, eis que vieram colados a ela os dois olhos do desgraçado. E desta forma sofreram aqueles escarnicadores o castigo do seu pecado.

Aterrados, e de coração contrito, confessaram publicamente o seu embuste, e depois de fazerem devota oração, mereceram, aquele haver de Santo António a luz dos olhos, e todos eles a luz da Fé.

## CAPÍTULO XL

### **De um leproso, curado por intercessão de Santo António**

Um leproso, ao ouvir as maravilhas que de Santo António se contavam, fez-se conduzir a Pádua, e no caminho encontrou um cavaleiro herege que, a mofar dos milagres do Santo, lhe dizia:

— Aonde vais tu, mesquinho? A tua lepra venha sobre mim, quando Santo António dela te livrar!

Mas o leproso nem por isso perdeu a confiança, e continuou no seu caminho. E, abeirando-se do sepulcro de Santo António, devotamente pediu a cura. E sucedeu que, adormecendo, lhe apareceu o Santo a dizer:

— Levanta-te, que estás limpo e são; e vai depressa àquele cavaleiro que zombava dos meus milagres e dá-lhe as tuas matracas <sup>14</sup>, pois é ele quem apodrece agora com a tua lepra.

E o pobre levantou-se curado, foi-se em busca do cavaleiro leproso e desta forma lhe falou:

— Santo António mandou-me a trazer-te as matracas que eu usei. És tu quem delas agora precisas, pois estás leproso.

E o cavaleiro arrependeu-se e fez voto a Santo António que não mais zombaria dos seus milagres. E também ele ficou curado da sua lepra.

## CAPÍTULO XLI

### **Como Santo António apareceu a certos paduanos que queriam matar um sacerdote**

Uns quantos paduanos postaram-se de emboscada à espera de um padre, pois o queriam matar. E eis que visivelmente lhes apareceu Santo António, a perguntar:

— Que andais por aqui a fazer? Ide-vos já embora!

E responderam eles:

— Ó bom frade, segue teu caminho e deixa-nos em paz, que nós daqui não arredamos.

— Pois também eu me não arredo, retorquiui o Santo.

E perguntaram eles, então, mais uma vez:

— E quem és tu que assim te atreves a dar ordens?

E o Santo que respondeu:

— Eu sou Santo António.

Os homens, de espantados caíram em terra, e Santo António desapareceu. E quando voltaram a si, logo dali se foram ter com o inimigo, muito mansos, contaram-lhe a visão e com ele firmaram pazes.

---

<sup>14</sup> Antigamente os leprosos traziam sempre consigo umas matracas que por obrigação tocavam quando avistavam qualquer caminheiro, a fim de ele, a tempo, se arredar e evitar o contágio (Nota do tradutor)

E o milagre foi apregoado pela cidade. À honra de Deus. Amém.

## CAPÍTULO XLII

### **De um cavaleiro que, em combate, foi ferido num braço**

Um cavaleiro, em combate que houve, ficou tão malferido num braço que não atinavam os médicos com remédio para tamanha chaga. E fazendo ele voto a Santo António, de repente ficou são como de antes era.

Mas, apenas curado, ingrato ao favor que recebera, pôs-se logo a magicar como havia de tirar vingança de quem o tinha ferido.

Pelo que, na noite seguinte, veio Santo António e tornou-lhe a chaga que antes lhe curara. E assim recebeu aquele cavaleiro o castigo de sua ingratidão.

## CAPÍTULO XLIII

### **De um menino a quem Santo António curou**

Um menino de Pádua, de nome Henrique, tinha no pescoço uma inchação que fortemente o atormentava. Sua mãe fez promessa a Santo António de lhe levar ao sepulcro um pescocinho de cera, e logo de repente lhe sarou o filho.

Mas porque, depois, a mãe se descuidou e não cumpriu a promessa, voltou a inchação e tornaram as dores a apoquentar a criança.

E então a mãe, caindo em si e doendo-se da sua culpa e desmazelo, levou a Santo António o prometido pescocinho de cera, e outra vez o menino foi curado.

## CAPÍTULO XLIV

### **De um surdo-mudo que Santo António curou**

Certo abade há vinte e cinco anos tinha ao seu serviço um criado fiel que, por desgraça, era surdo-mudo.

Compadecido dele, prometeu que, se o Padre Santo António lho curasse, perpetuamente o daria para guarda do seu altar; e depois enviou-o a Pádua a visitar o sepulcro do Santo.

Pois o surdo-mudo logo ali obteve a cura e em guarda da igreja se quedou, como fora prometido.

## CAPÍTULO XLV

### **Como Santo António ressuscitou a um seu sobrinho**

Na cidade de Lisboa, um filho da irmã de Santo António, teria uns cinco anos, foi a folgar à ribeira do mar com outros rapazes, e com eles entrou num barco.

E, sucedendo virar-se o barco, os mais, porque sabiam nadar, saíram à praia; e só o mocinho se afogou, pois não sabia nadar que não era de idade para tanto.

Passadas que foram três horas, veio a mãe e pegou do filho morto, que lho tiraram da água uns pescadores. Queria o pai dar-lhe sepultura, mas a mãe não consentia:

— Ou deixai-o comigo, ou com ele me levai a enterrar.

E, apegando-se com Santo António, rezava assim:

— Ó meu irmão, para os estranhos és tão piedoso, e só para tua irmã serás cruel? Tem piedade de mim também, e torna-me o filho, que eu prometo dá-lo à tua Ordem para serviço de Deus.

Pois logo o filho se levantou vivo e são, e em cumprimento do voto que sua mãe fizera, entrou na Ordem, e nela perseverou e acabou santamente.

## CAPÍTULO XLVI

**Milagre que fez Santo António à filha de D. Teresa,  
rainha de Portugal**

Dona Aldonça, filha de D. Teresa, rainha de Portugal, certa ocasião adoeceu de tão grave enfermidade que já os médicos a tinham abandonado sem esperanças nenhuma de a poderem curar.

A rainha andava numa angústia imensa: a filha a morrer, e não havia remédio que lha pudesse salvar. E, desolada, em prantos, voltou-se para Santo António a pedir seu valimento:

— Ó Padre Santo António, lembra-te que nestes reinos fostes nascido, e roga por mim ao Senhor que dê saúde à minha filha!

Era pela meia noite e Dona Aldonça que entrou a dormir. E veio ter com ela Santo António:

— Não me conheces? — perguntou o Santo.

E como a infanta respondesse que não o conhecia, explicou-se a visão:

— Eu sou Santo António, e aqui vim chamado pelas súplicas de tua mãe. Vou dar-te à escolha uma das duas coisas: ou morreres já e hoje mesmo entrares comigo no Paraíso, pois nesse caso o Senhor te perdoa os pecados e toda a pena que por eles é devida; ou então — escolhe lá — ficares ainda com tua mãe, pois se assim preferes, agora mesmo te darei saúde.

A infanta escolheu antes a saúde e logo foi curada. E agarrando-se em visão à corda que Santo António trazia atada à cinta, começou de chamar a mãe a grandes vozes:

— Senhora mãe, vinde ver o Santo António que veio aqui a curar-me!

E foram contar à mãe o que a infanta dizia. E acudiu ela com outras donas e encontraram-na curada. Pelo que deram a Deus muitas graças, e também a Santo António.

## CAPÍTULO XLVII

**Milagre que fez Santo António a um senhor casado  
que desejava ter filhos**

Era nobre e casado, mas vivia em tristeza, pois Deus não lhe dera a alegria de sequer haver um filho.

Acontecendo ouvir falar dos milagres que Santo António fazia, meteu-se a caminho de Pádua para visitar seu sepulcro. E ao Santo fez promessa: desse-lhe Deus um filho, e todos os anos com ele havia de ali tornar.

E o caso é que, no regresso, sua esposa concebeu e depois, a seu tempo, veio o desejado bambino.

E a criança medrava, robusta e sadia; mas quando foi de sete anos, adoeceu. E, no dia de Santo António, o pai, outra vez muito triste, foi sozinho a Pádua a cumprir sua promessa.

E enquanto andou a fazer a romaria, o pequeno convalesceu, curou e até já pôde sair à rua. E numa tarde pôs-se de brincadeira com mais nove crianças, no leito de um rio que estava seco. Para as regas dos campos mais acima haviam represado as águas.

Ora sucedeu que, de repente, se esbarrondou o açude e veio a enxurrada por aí a baixo, em tão má hora que apanhou as dez crianças. E ali ficaram todas elas afogadas.

E se eram dez, só de duas apareceram os corpos, que logo foram levados a enterrar. O dito pequeno e os restantes sete companheiros, por mais que procuraram não nos puderam achar.

Voltou o pai de fazer a romaria, e saiu-lhe ao encontro, a saudá-lo, seu irmão com mais outros amigos. E ele que logo perguntou como passava o menino.

Não o querendo anojar, responderam que já estava curado, e tão bom que até saíra fora a brincar.

Ao chegar a casa uma e muitas vezes tornou à pergunta, e sempre lhe escondiam a verdade. Mas ele é que não sossegava. Antes de mais nada queria ver o filho e beijá-lo:

— Não comerei nem beberei antes de nele pôr meus olhos.

E não houve mais remédio que contar-lhe o sucedido.

Anojado de tristeza, jurou e trejurou que não havia de comer nem beber até que Santo António se dignasse tornar-lhe o filho.

Palavras não eram ditas, e a criança pela porta dentro à frente das outras nove que se tinham afogado. A todas Deus ressuscitara, por intercessão de Santo António.

Tamanha foi a alegria, que nem é de imaginar. E todos, a grandes vozes, davam graças a Deus e a Santo António.

## CAPÍTULO XLVIII

### **Milagre que fez Santo António a certa dona de Portugal que trazia por moça camareira o demónio em figura de mulher**

Houve em Portugal, na vila de Linhares, certa dona mui poderosa e senhora do castelo, a qual se chamava Lopa ou Loba. E a desgraçada trazia por camareira o próprio demónio em figura de mulher.

Por seu conselho, praticava muitas crueldades e caía em desvairados crimes e pecados. Conservava, todavia, especial devoção por São Francisco e Santo António.

Ora, vindo ela à doença de que morreu, desesperada nem cuidava da salvação nem se queria confessar, por mais que lho requeriam e lembravam.

E assim jazia para ali, desconsolada e triste no seu leito, quando dois Frades Menores entraram por sua casa e dela se abeiraram. Começaram, muito piedosos, de confortá-la e induzi-la ao arrependimento e confissão; mas a dona nem lhes dava ouvidos. Eram tantos seus pecados — dizia — que, por mais penitência que fizesse, nunca Deus se poderia dela amercear.

E vai daí o frade que parecia mais velho:

— Pois, senhora, podeis estar certa: a Divina Clemência é muito maior que vossos pecados. Se, arrependida, os confessardes, sobre mim os tomo, convosco partilharei meus méritos, e por virtude da Paixão de Cristo vos prometo a salvação.

Com tão consoladoras palavras, a dona começou de entrar em melhores sentimentos e animou-se à penitência. De Loba desumana

que havia sido, converteu-se em cordeira mansa; e, arrependida dos pecados, com muitas lágrimas os confessou. E depois ela mesma, por devoção, pediu para mortalha o saial dos Frades Menores; e, recebendo-o das mãos daqueles frades, bem-aventuradamente no Senhor adormeceu. E os dois frades logo desapareceram.

E todos os que ali eram presentes, se persuadiram que deviam ser nem mais nem menos que São Francisco e Santo António, aos quais a dona continuamente chamava em sua ajuda, tanta a devoção que por eles tinha.

E o seu corpo depois que ela morreu, foi ao convento da Guarda a enterrar.

Passado pouco tempo, vinha certo armeiro, noite velha, de caminho para a vila de Linhares onde a dita dona se finara, quando do escuro rompeu voz de mulher a carpir-se em choro e lágrimas:

— “Ó mofina de mim, que tão mau serviço fiz! Quatorze anos me cansei em vão!”

E o armeiro todo se espantou. Mas cobrando ânimo, fez o sinal da Cruz, e, confortado no Senhor, bradou:

— Eu te conjuro por Cristo Jesus que me digas quem és, e porque choras assim?

E a voz que respondeu:

— Eu sou o demónio que em forma de mulher quatorze anos em muitos pecados servi a Dona Loba que no outro dia se finou. Contava, depois da sua morte, segundo suas culpas, arrastá-la comigo aos infernos; mas, quando foi do seu passamento, vieram dois capeludos Frades Menores aos quais ela sempre em vida venerou, e, inclinando-a à penitência, tiraram-na das unhas e levaram-lhe a alma ao paraíso. Em sinal de que falo certo, quando fores em Linhares onde ela morreu, hás-de ouvir clamor no povo porque um ferreiro matou sua mulher e por isso foi preso e enforcado. E eu que tramei aquela morte, aos infernos levarei as almas deles ambos, tanto a da mulher como a do ferreiro. Desta forma me compensarei da perda de uma alma, ganhando a duas.

Ouidas que foram tais palavras, continuou o armeiro em seu caminho, e quando entrou na vila de Linhares, achou, de facto,

enforcado um ferreiro que matara sua mulher, e a todos contou o que lhe havia acontecido.

## CAPÍTULO XLIX

### **Como Santo António livrou da tentação a certa mulher de Santarém**

No mesmo reino de Portugal, em Santarém, nos tempos del-rei Dom Dinis, vivia certa mulher mui pecadora, mas também mui devota de Santo António.

Apertava com ela o demónio constantemente a induzi-la a que se matasse. E à pobre até lhe parecia que o próprio Jesus Cristo lhe segredava ao coração:

— Ó mesquinha, tantas maldades tens cometido que, só matando-te, te poderás salvar!

E o demónio que assim lá dentro a desinquietaava com estas e semelhantes tentações, querendo também vexá-la exteriormente apareceu-lhe em forma humana a falar:

— Eu sou aquele Senhor a quem tens ofendido gravemente, e venho dizer-te que, se fores ao rio Tejo e nele te afogares em satisfação de tuas culpas, todas te hei-de perdoar e te darei a eterna glória.

Ora, aconteceu que, depois de o demónio muitas vezes lhe ter assim falado, o marido, num momento de qualquer arrelia, chamou-lhe “mulher endemoninhada”. Sanhuda por se ver escarnecida, desceu em direcção ao Tejo — era ao meio da manhã — na intenção de nele se afogar conforme o demónio tantas vezes aconselhara.

Quando passou junto à igreja dos Frades Menores, lembrou-se que era o dia da festa de Santo António, e entrou dentro a encomendar-se ao Santo. Prostrada diante de sua imagem, toda em lágrimas fez sua oração:

— Ó meu Padre Santo António, bem sabeis quanto vos quero! Valei-me nesta aflição. Sê benigno para comigo, e mostrai-me

se apraz a Deus que me vá no rio afogar ou se de todo em todo devo pôr de lado tal ideia.

Quando assim rezava, passou por ela um sono leve, e apareceu Santo António a falar-lhe:

— Levanta-te, filha, e guarda este bilhete. Com ele serás livre dessa forte tentação.

E, acordando, viu a mulher que tinha ao pescoço um pedaço de pergaminho, no qual, a letras de oiro, estava escrito: “Eis a Cruz do Senhor! Fugi, inimigos da alma, pois venceu o Leão da tribo de Judá, raiz de David. Aleluia, Aleluia”.

E desde aquele momento foi livre da tentação, e enquanto guardou consigo o bilhete ou breve, nunca mais o demónio a apouquentou.

Soube do prodígio el-rei Dom Dinis — pois o marido o divulgou — e pediu para si o milagroso pergaminho. E o caso foi que, apenas sem ele, logo a pobre da mulher começou outra vez a ser tentada.

Compadeceu-se o marido, e como já não podia haver o breve, que dele não se desfazia el-rei, valeu-se dos Frades Menores que a Dom Dinis pediram uma cópia e a trouxeram. E quando a entregaram à mulher, eis que ficou livre da tentação, como dantes quando e consigo trazia o breve. E confessou devotamente seus pecados com lágrimas de contrição, e toda se converteu ao serviço do Senhor.

E por vinte anos ainda viveu santamente, e em paz acabou seus dias.

E el-rei Dom Dinis guardou o pergaminho original entre as suas relíquias que mais prezava, e com ele, por intercessão de Santo António, muitos milagres se fizeram. Em louvor de Cristo bendito. Amém.

## CAPÍTULO L

**Como Santo António acudiu a uma mulher  
que se queria enforcar**

Na vila de Serpa, em Portugal, vivia uma mulher de nome Sara, singularmente devota de São Francisco e Santo António.

Seu marido, dissoluto e mau, fazia vida com mancebas, desprezando a esposa, a quem, ainda por cima, feria muitas vezes, e de muitas maneiras atormentava. E a tal ponto as coisas chegaram, que Sara, ralada de desgostos e desesperos, resolveu acabar com a vida, enforcando-se. Assim por uma vez se veria livre de tantos maus tratos, quantos o marido lhe fazia sofrer.

E uma noite, andava ausente o marido e todos em casa já dormiam, pendurou a corda em trave do seu quarto, fez o laço, e metia já nele o pescoço quando com grande clamor chamaram à porta da casa.

Sara numa pressa escondeu a corda, e foi saber quem chamava. E encontrou-se com dois Frades Menores que humildosamente lhe pediram agasalho para aquela noite, por amor de Deus.

No sobressalto em que ficou por tão inesperadas visitas, perguntou quem eram e donde vinham. E responderam os frades:

— Somos dois Frades Menores. Um de nós chama-se Frei Francisco e o outro Frei António, e vimos de muito longe.

— Então entrai — lhes disse ela — por amor de São Francisco e de Santo António de quem sempre fui devota.

E pôs-lhe a mesa para que comessem. E com tão santas palavras foram eles entretendo a refeição, que a mulher começou de se sentir mudada. E em reveria de tão santos hóspedes, resolveu não se enforcar aquela noite, como antes planeara por instigação do demónio.

Recolheram-se os frades nos aposentos que lhes destinou, e a mulher voltou para o seu quarto.

Precisamente naquela hora os dois frades apareceram em sonhos ao marido de Sara. Começaram de estranhar-lhe suas torpezas e vícios, e vieram a dizer:

— Nós somos São Francisco e Santo António e vimos a ti, mandados por Deus, com este aviso: se não deixas a má vida em que andas com mancebas, e de ora avante não tratas com amor tua mulher que por nós tem grande devoção, ao fim de três dias morrerás e cairás no fogo do inferno. Tua mulher vive em desespero com os maus tratos e desgostos que lhe dás, e esta mesma noite houvera-se enforcado se não lhe acudíramos indo hospedar-nos em tua casa. Vai, pois, ter com ela, e para sinal de que falamos verdade, pergunta-lhe pela corda com que se quis enforçar.

O homem, ao acordar, ficou passado de medo, e houve contrição de seus pecados. E, manhãzinha, logo recolheu a casa.

Já então a mulher se levantara e andava pasmada sem saber o que pensar. Os frades tinham desaparecido como por encanto. Aberta a porta dos aposentos onde os deixara: e, dentro, a cama composta como se ninguém nela dormira. Não podia compreender como tivessem saído, pois todas as portas estavam trancadas.

Nisto chega o marido que benignamente a salvou. E, sem mais, desfecha logo a pergunta:

— Ó mulher, onde tens a corda com que esta noite te quiseste enforçar?

E ela, assombrada, nem sabia que responder.

— Sim — continuou o marido a explicar-se — sim, que eu bem sei a graça que a nós ambos nos fizeram São Francisco e Santo António a quem esta noite deste pousada, pois nos livraram da morte do corpo e da perdição da alma.

Então confessou ela a verdade. E também de sua parte o marido lhe descobriu a visão que tivera e humildemente lhe pediu perdão.

E ambos viveram ainda largos anos em muita caridade e mútuo amor, entregues à prática da virtude. E a Deus e a Santo António e São Francisco davam graças pelos favores que haviam recebido.

## CAPÍTULO LI

**Como Santo António em dia de sua festa apareceu, glorioso, a uma mulher de Torres Novas**

Numa aldeia de Portugal chamada Alvorão, que é cerca de Torres Novas, vivia certa mulher casada com quem se deu este milagre.

Em companhia de outra moça da dita aldeia, dirigia-se ela para a vila com sua taleiga de trigo à cabeça, em dia de Santo António. E, indo ambas seu caminho, eis que se levantou rijo vendaval a bater de frente. E, de tão forte, o vento derribou por terra a mulherzinha, e deixou-a estendida de costas no chão.

Logo neste ponto apareceu diante dela um mancebo, formoso de rosto, arrebatou-lhe a alma, e, levando-lha consigo, meteu por caminho largo que foi parar a um poço horrível, tenebroso, de cuja boca saíam medonhas e denegridas fumações à mistura com labaredas de fogo que subiam até o céu. Isto era o que se via de fora; lá dentro ouviam-se clamores e rugidos.

A mulher, toda a tremer, espreitou para o fundo, e viu muito desvairadas figuras de homens, de várias maneiras atormentados pelos demónios. Todos pareciam brasas vivas ou pastas de fogo que sempre hão-de arder. Sobre isto, a cada um atormentavam penas várias, conforme ao ofício em que haviam pecado: os mercadores onzeneiros traziam, por ignomínia, bolsas de fogo lançadas ao pescoço; aos avarentos e usurários recheavam-nos os demónios com moedas incandescentes que à força lhes metiam pela boca abaixo; os ladrões, adúlteros, homicidas, perjuros e mais pecadores sofriam todos eles tormentos especiais.

E perguntou a mulher ao mancebo como se chamava aquele tal lugar. E o mancebo respondeu que era ali o poço do inferno.

E — que é coisa mais de espantar! a mulher viu lá dentro a muitos que ao presente viviam neste mundo, mas que haviam de cair no inferno pois andavam na má companhia dos demónios. Eram de Lisboa e Santarém. E posto que, segundo a mulher afirmava, nunca visitara tais cidades, nomeava a cada um pelo seu nome. E não pode ser motivo para descrer da visão o aparecerem nela as coisas por vir como se foram presentes.

E, depois, a mulher foi levada a um lugar ameno e deleitoso, todo matizado de ervas variegadas e de formosas árvores, e enfeitado com todo o género de flores. No meio erguia-se a modos de uma tenda muito branca e de maravilhosa estrutura, donde saíam dois a dois, como em procissão, muitos homens envoltos em resplendores, com coroas na cabeça e vestidos de branco mais claro que o sol. E atrás deles, todo adornado como se fora esposo em dia de noivado e aformosentado com maravilhoso trajar, vinha outro homem cercado de maior glória, em honra de quem — era de dizer — se fazia a procissão.

Perguntou a mulher que lugar era aquele e quem eram tais personagens de tão nobres vestimentas e em tão boa ordem. E respondeu o mancebo que era ali o lugar onde repousam os Santos, e que todos aqueles que via, eram os eleitos do Senhor Deus, e o último de todos, assim vestido com tantas galas, era Santo António a quem os outros Santos festejavam, pois como os homens lá na terra solenizam os Santos no seu dia, do mesmo modo ali no céu os Bem-aventurados uns aos outros celebram o dia de sua festa. E neste ponto acrescentou:

— E agora hás-de saber o motivo por que foste aqui trazida e se te mostraram tantas maravilhas: foi para que aprendas a guardar os dias de festa, abstendo-te de trabalhos servis, e para que neles prestes aos Santos a reverência que lhes é devida, sobretudo guardando-te de cometer algum pecado.

E enquanto a alma da mulher andou assim em tais andanças, o povo levou seu corpo à vila de Torres Novas a fim de ser enterado, pois de todo o ponto parecia morto. E já desciam à cova a mulher, quando, com grande espanto, ela se levantou e começou de contar a quantos ali eram presentes, tudo o que vira e ouvira. E o mesmo tornou depois a contar a muita gente, e também a mim que escrevo esta narrativa e a vera história desta visão. Á glória de Santo António. Amém.

## CAPÍTULO LII

**Como a pregação de Santo António levou certos ladrões à penitência**

Pelos anos do Senhor de mil duzentos e oitenta e dois, um velho muito velho contou a um Frade Menor como conhecera e tratara a Santo António:

Fora ladrão e salteador de caminhos, e com mais outros, em número de doze, vivia nos montes a espreitar e a roubar os vizinhos.

Como chegasse até eles a fama dos sermões de Santo António, combinaram uns com os outros:

— Vamo-nos um dia, disfarçados em traje de toda a gente, a ouvir a pregação.

É que não acreditavam no que lhes tinham dito: que a palavra do Santo era feita de chamas e queimava assim como o facho do profeta Elias.

E se bem combinaram, melhor fizeram. Pregava o servo de Deus e vieram eles, os ladrões, a escutá-la. E sua palavra de fogo de tal modo lhes queimou na alma que entraram logo de arrepender-se e compungir-se de seus pecados. E, acabado o sermão, muito contritos dos crimes e traições que haviam praticado, era de ver quem primeiro se abeirava de Santo António para com ele se confessar.

A todos ouviu o Santo, cada um por sua vez. Impôs-lhes penitência salutar, e não esqueceu advertir que de maneira nenhuma haviam de tornar à vida de pecados em que andavam. Aos que perseverassem no bem, prometeu a glória eterna; e aos que reincidissem nos crimes costumados, anunciou desgraças espantosas.

E comentava o bom do velho: deles, alguns, infelizmente, voltaram a ser ladrões e em pouco tempo morreram na ignomínia; e os outros que perseveraram no bem, em paz de Deus e em suas próprias casas acabaram seus dias.

E contava ainda que a ele lhe dera o Santo, em penitência, visitar doze vezes a igreja dos Santos Apóstolos em Roma.

E vinha então na volta da última visita, quando com muitas lágrimas contou ao frade a sua história. E dizia que, depois de tão

longo peregrinar na terra, toda a esperança a tinha na glória do céu que Santo António lhe prometera.



Terceira Parte

**MILAGRES DE SANTO ANTÓNIO PROVADOS  
PERANTE O BISPO DE PÁDUA E MAIS  
OUTROS MILAGRES QUE SE JUNTAVAM**



## CAPÍTULO LIII

### **Começam os milagres de Santo António confirmados por testemunhos, perante o bispo de Pádua**

Um irmão converso que há vinte anos servia as Donas do Mosteiro de Pádua, era surdo-mudo de nascença. A língua tinha-a tão pequena que mal lhe saía da garganta, e retorcida a modo de toco de videira, pelo que, à vista, parecia seca e enverrugada.

Primeira e segunda vez uma visão lhe inspirou que recorresse com alma ao patrocínio de Santo António; mas o homem, ignorante e rude como era, não compreendeu a visão, e andou a procurar o Santo, primeiro pela casa, e depois pelas ruas da cidade.

Terceira vez o inspirou a visão, e desta feita o homem acertou, e veio à igreja de Santo António. E ali passou toda a noite com a maior devoção que pôde, a encomendar-se ao Santo glorioso.

E chegou o dia, e ele ainda em oração. E lá pela hora de Noa — ia a tarde em meio — viu-se rodeado por luz divinal, grande suor lhe banhou o corpo, fortes estremeções lhe sacudiram a cabeça e os membros, e, em dada altura, a língua cresceu-lhe de repente, e ei-lo que entrou de ouvir e falar.

E prorrompeu em louvores a Santo António, a agradecer-lhe favor tamanho.

E — o que foi mais de maravilhar! — falava como se fora numa língua nova e de modo que não se entendia bem o que dizia. Repetia apenas poucas palavras que por inspiração aprendera, as suficientes para o uso do falar corrente; mas referia coisas que de ninguém tinha aprendido. O que a todos espantava, pois o sabiam surdo-mudo de nascença.

À voz do milagre correu muito povo. E todos o aconselhavam a mudar o nome que tinha de Pedro, pelo de António, em reconhecimento da graça recebida. Em louvor de Cristo bendito. Amém.

## CAPÍTULO LIV

**Milagre que fez Santo António a um homem de Pádua a quem os demónios arrancaram a língua e os olhos, e quiseram matar**

Certo homem dos arredores de Pádua, a fim de desvendar uns segredos meteu-se uma noite na roda dos encantamentos em companhia de letrado sabedor das malas-artes de invocar os espíritos.

E estando já ambos dentro da roda, pôs-se o letrado a chamar os demónios, e ei-los que subitamente aparecem com grande alarido, estrépido e reboição.

O homem de tão passado que ficou, nem atinava como responder aos demónios que por isso, enraivecidos, deitaram-se a ele e arrancaram-lhe a língua e vazaram-lhe os olhos. E quando, depois, o desgraçado abria a boca, nem sinal de língua se enxergava; e no sítio dos olhos era agora uma caverna funda.

Grande pesar lhe entrou no coração ao infeliz, tanto pelo pecado cometido como pelo castigo que sofreu. E porque não podia confessar a culpa, voltou-se para Santo António.

Passou no convento, em oração, dias após dias, até que certa vez ao tempo em que os frades cantavam na missa o *Benedictus qui venit in nomine Domini* e o celebrante levanta a Deus, viu-se de repente com outros olhos novos na cara.

Correu notícia de milagre tamanho. Juntou-se muita gente e todos com o homem rezavam, a pedir a Deus, por intercessão de Santo António, fosse servido dar-lhe também a língua assim como já lhe dera os olhos.

E, no coro acabava o canto de *Agnus Dei* com as palavras *dona nobis pacem*, quando ao homem, num instante, lhe cresceu a língua e começou de poder falar. E louvava a Deus, a apregoar as maravilhas do seu benfeitor Santo António.

## CAPÍTULO LV

**Como Santo António curou a um frade que estava sem falar e de fraqueza morria**

Chamava-se Frei Bernaldim e era natural de Parma. Ao fim de dois meses de doença, já não podia falar; e, de fraco, nem apagava candeia que lhe chegassem ao sopro.

Os médicos mais afamados da Lombardia, a ver se o curavam, nove vezes com ferro em brasa lhe haviam queimado a garganta e mais outra vez a cabeça.

Mesmo assim, nunca o pobre sentira alívio; antes, pelo contrário, a enfermidade crescera tanto que já corria perigo de o abafar. Lembraram-se então de o levar a Pádua ao túmulo de Santo António.

Apenas chegado ali, diante do sepulcro do Santo se prostou Frei Bernaldim, e com fervor pedia a cura. Em pouco tempo já podia resfolgar e cuspir, mas continuava sem fala. Prosseguindo, porém, na oração com outros frades e com o povo que acorrera por motivo da festa e do milagre, de repente golfou nojenta posta de pus, e logo cobrou a fala e ficou são.

E com muita alegria louvaram a Deus e a Santo António ele mai-lo Ministro do convento e outros frades, cantando a *Salve, Regina*. À glória de Cristo. Amém.

## CAPÍTULO LVI

**Como Santo António ressuscitou um menino que se afogara numa tina de água**

Tomasino que tinha uns vinte meses, vivia em Pádua com seus pais, mesmo ao pé da igreja de Santo António.

Saiu a mãe para os cuidados da vida, e deixou o pequenito em casa, sozinho, junto de uma tina de água. Nem pela cabeça lhe passou que podia o filho correr perigo.

Ao voltar, reparou na tina e pareceu-lhe ver uns pezinhos a boiar ao lume da água. Achevou-se mais ao perto, e — o que havia ela encontrado! — o filho, dentro, afogado, de pés para cima e a cabeça no fundo. Num empuxão tirou-o para fora, aos gritos; mas estava já frio e morto.

Sobressaltada a vizinhança com a gritaria da mulher, veio muita gente em socorro. E os frades que andavam com os operários na reparação da igreja, também eles acudiram. E todos, diante do pequenino morto, se compadeciam das lágrimas e aflições da pobre mãe.

Mas ela, apegando-se com Santo António, pedia-lhe a grandes vozes a sua intercessão; e prometia dar aos pobres tanto trigo quanto era o peso do filhinho, se o Santo de entre os mortos lho ressuscitasse.

E dali a pouco o menino que se levanta, vivo, e desata a correr para o colo da sua mãe. E todos os que eram presentes deram muitas graças a Deus e a Santo António. Em louvor de Cristo. Amém.

## CAPÍTULO LVII

### **Como Santo António curou a certa mulher que sofria de grave enfermidade na cabeça**

Havia dez anos que certa mulher de Forli, de nome Beatriz, sofria da terrível doença a que chamam nacta ou lumbenilho. Na cabeça, sobre o crâneo, crescera-lhe um tumor, tão grande como um punho.

Consultara médicos sabedores, mas sem resultado nenhum. Pelo que, desanimada dos recursos humanos, voltou-se para Santo António, a pedir que lhe valesse. E prometeu cercar-lhe o túmulo com fio de prata, se lhe alcançasse a saúde.

Pois naquela mesma noite, estava ela a dormir, veio Santo António — pelo menos assim lhe pareceu — e talhou o tumor em quatro partes sem que ela, por isso, sentisse a menor dor, antes sim alívio e prazer.

E foi-se a aparição, mas a virtude do Santo ficou. Ao cabo de pouco tempo, como na visão fora mostrado, o tumor arregoou em quatro partes, e, saindo dele podridão de matéria e pus, ficou-lhe curada a cabeça e toda ao natural sem inchação nem costuras.

E a mulher, conforme prometera, veio a Pádua a agradecer o milagre a Santo António e a cercar-lhe o túmulo, a toda a volta, com fio de prata.

## CAPÍTULO LVIII

### **Como Santo António curou a um frade de dolorosa rotura**

Um frade da Província de Além-mar, de nome Câmbio, sofria de grande rotura. Mesmo com a funda de ferro que sempre usava, os intestinos saíam-lhe fora com dores insuportáveis.

Embaraçado com a doença e não encontrando remédio, veio a Pádua no dia de Santo António, a pedir ao Santo que lhe valesse. Mas com a multidão dos enfermos que, na esperança de cura, se apresentavam em volta, por mais que fez não conseguiu chegar ao milagroso sepulcro. A custo, de longe, lhe pôde deitar a mão, que, depois, com muita confiança levou ao sítio da rotura. Oh! maravilha de contar! Naquele mesmo instante os intestinos recolheram, fechou-se a quebradura que era enorme, e tão solidamente soldou que não havia em seu corpo parte mais firme do que o sítio onde ela fora, afirmava depois o dito Frei Câmbio.

E, doido de alegria, até saltava o bom do frade, como antes o não podia fazer. E, agradecido, louvava a Santo António.

## CAPÍTULO LIX

### **Maravilhosa visão que teve certo médico chamado Pedro**

No ano do Senhor de mil trezentos e sessenta e sete, Eduardo, príncipe da Aquitânia, reuniu exército de cavaleiros bem arma-

dos para ajudar ao rei de Castela Dom Pedro, a quem Dom Henrique, seu irmão bastardo, esbulhara da governança.

O médico-cirurgião de Bordéus, chamado Pedro, foi intimado a acompanhar o príncipe, a fim de prestar seus serviços aos que porventura caíssem, feridos, em combate.

Muito grave e dura foi para Mestre Pedro aquela ordem, por motivos vários. Mas, pensando ser irrevogável a determinação do príncipe, nem se atreveu a esboçar escusas ou a pedir dispensa, e entregou o caso a Santo António por quem tinha grande devoção.

Dirigiu-se ao convento dos Frades Menores de Bordéus e rogou a um dos frades que lhe rezasse missa, em honra de Santo António, no altar onde se venerava bonita imagem do Santo entalhada em madeira.

Com muita devoção assistiu Mestre Pedro. Pregados os olhos na imagem, pedia com fervor ao Santo se dignasse estorvar misericordiosamente a viagem, caso ela lhe fosse em detrimento da alma; mas, se depois de tudo, fosse de proveito, então que lhe inclinasse a vontade para com gosto a fazer.

Coisa admirável e muito para contar! Quando Mestre Pedro assim orava, pareceu-lhe ver a imagem a abanar a cabeça a uma e a outra parte, à maneira de quem diz que não.

Ficou deveras surpreendido. E pensando consigo que bem podia andar ali qualquer ilusão do seu imaginar ou fumosidade que lhe tivesse subido à cabeça, fez violência sobre si a recobrar serenidade, e depois, firmando melhor a vista, outra vez repetiu a oração. E o caso foi que de novo claramente viu a imagem a acenar a cabeça, tal qual como da outra vez, de um para outro lado, a modos de quem diz que não.

Acabada a missa, saiu Mestre Pedro muito maravilhado, mas sem atinar ao certo no que lhe queria o Santo dizer com aqueles sinais: se não lhe era de proveito para a alma acompanhar o exército; ou se, de contrário, não devia no caso ter receios em partir.

Dali a pouco um mensageiro que chega da parte do senhor príncipe a dizer-lhe que sem tardança se fosse apresentar.

Meteu-se logo a caminho, e eis se não quando, sai-lhe ao encontro o senescal a perguntar:

— Estás disposto e pronto para acompanhar a Espanha o senhor príncipe, conforme as ordens que dele houveste?

Mestre Pedro, embora com o temor lá dentro a martelar, nem titubeou na resposta:

— Eu estou sempre pronto para em tudo cumprir a vontade do meu senhor.

Com rosto alegre, mesmo a sorrir, voltou-lhe então o senescal:

— Muito me apraz, Mestre Pedro! Nem outra coisa esperava de servo bom e leal. Fica, porém, sabendo que, para tua consolação, resolveu o senhor príncipe dispensar-te desta vez, se outra coisa não vier a ordenar.

Nem cabia em si de contente Mestre Pedro, com a boa nova; e logo dali se dirigiu à igreja dos Frades Menores a agradecer a Santo António. E na presença de alguns frades contou as sobreditas coisas, e, pondo a mão nos Evangelhos, com juramento afirmou que era verdade tudo o que contara. Em louvor de Deus e de Santo António. Amém.

## CAPÍTULO LX

### **Como Santo António libertou a cidade de Pádua do poder de Ezzelino, o tirano**

Chegara o tempo em que a Omnipotência do Senhor resolveira pôr fim às crueldades do pérfido Ezzelino da Romano, arrancando-lhe das mãos a cidade de Pádua. Na noite da festa de Santo António, já o Legado Pontifício com sua cavalaria fechara o cerco à cidade, estava o guardião do convento, Frei Bartolomeu de Coradino, de vela ao sepulcro do Santo a pedir com muitas lágrimas a libertação da cidade.

E, coisa maravilhosa! de repente, do sepulcro saiu uma voz, clara e sonora, que bem na ouviu o frade. E dizia assim:

— Frei Bartolomeu, não hajas temor nem tristeza; mas conforta-te e alegra-te. No dia oito da minha festa, Pádua recobrará sua antiga liberdade e outra vez gozará suas velhas regalias.

E, por graça de Deus, assim sucedeu tal qual a voz anunciara.

E muitos frades que na igreja também velavam aquela noite, deram testemunho de que ouviram a mesma voz.

E vindo a notícia ao conhecimento dos cidadãos de Pádua, concordaram eles em celebrar cada ano o dia oitavo de Santo António com grande ajuntamento e solenidade, do modo como até ali celebravam o dia da sua festa. E, por graça de Deus, ainda no presente se conserva este costume. Para glória e louvor de Deus e de seu servo Santo António. Amém.

## CAPÍTULO LXI

### **Da trasladação do bem-aventurado Padre Santo António e do milagre de sua língua**

No ano da Encarnação do Senhor de mil e duzentos e sessenta e três, depois que, pelos méritos e intercessão de Santo António, a Deus aprouve que a cidade de Pádua fosse livre do poder e jugo do tirano Ezzelino que por muitos anos a devastara, os Paduanos, em prova da sua muita devoção a Santo António e em sinal de gratidão, levantaram em sua honra igreja grande e magnífica.

E porque resolveram trasladar seu bem-aventurado corpo para sepulcro novo, fizeram as precisas escavações no sítio onde ele por mais de vinte e sete anos estivera enterrado. E quando, no dia oitavo do Pentecostes, se procedia à trasladação, foi encontrada a sua língua fresca, rubicunda e formosa como se naquela mesma hora o bem-aventurado Padre tivesse morrido.

E o honrado varão Frei Boaventura que ao tempo era Ministro Geral da Ordem e depois foi cardeal e bispo albanense, assistindo à dita trasladação, com muita reverência pegou da língua do Santo em suas mãos, e banhado em lágrimas de alegria, começou de falar ao povo e pronunciou estas palavras dulcíssimas:

“Ó língua bendita, que sempre a Deus louvaste e bendisseste, e aos outros ensinaste a louvar e bendizer, agora claramente se nos mostra quantos foram teus méritos junto de Deus!”

E enquanto assim falava, imprimia nela devotos e doces ósculos. E depois mandou colocá-la honradamente em lugar alto. Para louvor de Deus e de seu servo Santo António. Amém.

## CAPÍTULO LXII

### **Milagre que aconteceu em Roma com a imagem de Santo António**

No tempo do senhor papa Bonifácio IX foi restaurada em Roma a tribuna da Igreja de São João de Latrão que se chamava *episcopia*.

Da obra de mosaico encarregaram-se dois Frades Menores muito sabedores e provados naquela arte.

Depois de desenharem as imagens dos Apóstolos que Bonifácio IX queria ali ficassem, porque ainda sobrou largueza, lembraram os frades, por sua conta e risco, de retratar a um e outro lado as imagens de São Francisco e Santo António.

Pois logo uns clérigos, por malevolência e inveja, vieram ao Papa a contar o caso, e vai ele que lhes diz:

— A imagem de São Francisco, já que está, pois que fique. Agora a de Santo António, essa não. Ide e picai-a, e que ponham em seu lugar outra de São Gregório.

Foram-se os clérigos, contentes, a cumprir a ordem; e, chegando à igreja, subiram para a tribuna uns atrás dos outros. Pois todos foram lançados em terra desde o alto por uma figura horrenda e espantosa que visivelmente lhes apareceu, segundo eles próprios confessaram. E teimando em subir uma e outra vez, sempre a mesma figura os estorvou de pôr em prática os seus desígnios.

E contaram os frades mosaístas que, de tais clérigos alguns morreram logo, e todos os mais dentro em pouco vieram a falecer.

E o Papa quando estas coisas ouviu, mandou que deixassem a imagem do Santo, pois assim lhe aprazia.

— Com Santo António, dizia ele, só podemos perder e não ganhar.

## CAPÍTULO LXIII

**Milagre que sucedeu em Beja, cidade de Portugal, a um devoto de São Francisco e Santo António**

Na cidade de Beja, em Portugal, vivia um homem de nome Pedro, poderoso e rico. Tanta devoção ele tomara pela Ordem dos Frades Menores, que deu o campo para na cidade se fundar convento e ainda largas esmolas que ajudaram a construção da obra.

Ora sucedeu que veio o devoto Pedro a adoecer de enfermidade muito grave. E, uma noite, velavam o enfermo quatro frades com outras muitas pessoas de sua obrigação, e a todo o instante esperavam seu passamento. E o enfermo tinha sobre si, por devoção, o hábito dos Frades Menores para com ele, depois, ser enterrado.

E eis que apareceram ali, de repente, mais dois frades à roda da cama, e um deles foi postar-se à sua mão direita e o outro à esquerda. E perguntou-lhe o primeiro:

— Ó Pedro, tu conheces-nos?

E ele que respondeu:

— Vejo que sois Frades Menores; agora as pessoas não vos conheço.

E então o frade esclareceu:

— Pois saberás que eu sou São Francisco e este meu companheiro é Santo António; e viemos aqui para te consolar e sarar desta enfermidade pela devoção que sempre por nós houveste e pelos benefícios com que favoreces os frades aqui do convento.

E o enfermo pediu a São Francisco que lhe benzesse o hábito que tinha sobre a cama.

E, benzido o hábito, ambos os frades desapareceram; e Pedro tão rapidamente convalesceu que todos os presentes se maravilharam.

Viveu ainda doze anos, e nunca mais trouxe consigo as chaves de nenhum outro tesouro, senão só as da sua arca onde guardava o hábito que São Francisco benzera. E com ele morreu e foi a enterrar.

Em louvor e glória de Deus Nosso Senhor e de seus fiéis servos São Francisco e Santo António, *per infinita saecula saeculorum*. Amém.